



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**AMÉLIA NETA DINIZ DE OLIVEIRA**

**O ESPECTRO VERMELHO: O ANTICOMUNISMO EM JORNAIS PARAIBANOS  
(1960-1964)**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

**O Espectro Vermelho: O Anticomunismo em Jornais Paraibanos (1960-1964)**

**AMÉLIA NETA DINIZ DE OLIVEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduando em História. Sob a Orientação do Prof. Dr. José Adilson Filho.

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O49e Oliveira, Amélia Neta Diniz de  
O espectro vermelho: o anticomunismo em jornais paraibanos  
(1960-1964) [manuscrito] / Amélia Neta Diniz de Oliveira. - 2017.  
53 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. José Adilson Filho, Departamento de  
História".

1- Anticomunismo 2. Representações 3. jornais paraibanos  
I. Título.

21. ed. CDD 335.43

AMÉLIA NETA DINIZ DE OLIVEIRA

Ó ESPECTRO VERMELHO: O ANTICOMUNISMO NOS JORNAIS PARAIBANOS  
(1960-1964)

Monografia apresentada no curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduando em História.

Área de concentração: Humanas.

Aprovada em: 10/08/2017.

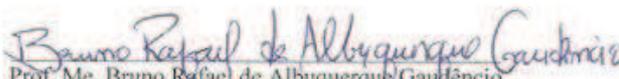
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Adilson Filho  
Professor Orientador  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rodrigo Henrique Araújo da Costa  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Campina Grande- PB  
Agosto de 2017

A Deus que é o dono de tudo. Devo a Ele a oportunidade que tive de chegar onde cheguei. Foi ele sempre que me deu forças e nunca permitiu que eu desistisse de seus planos.

Ao meu pai, Antônio José de Oliveira (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Dona Sebastiana mulher forte e guerreira que sempre fez de tudo para oferecer o melhor, não poupando esforços para que todos seus filhos pudessem estudar. Dedico esse trabalho também a meus irmãos, Ailton, Aroldo, Rodrigue, Adeilma, Tatiane e Fabiana, que inúmeras vezes dividiram suas experiências comigo, e pelo apoio que sempre me deram nos momentos mais difíceis da vida. Agradeço também aos meus nove sobrinhos, Tais, Maria Clara, João Gabriel, Suelley, Esther, Mariana, Laura e o mais novo rebento da família, que tem o mesmo nome do meu saudoso pai, Luís Antônio, apesar dos poucos anos de vida, estes me ensinaram o verdadeiro sentido da palavra Amor, pois despertaram em mim um amor que antes eu não conhecia, como costume dizer eles me afetam de um modo indescritível.

A minha amiga e historiadora, Marizélia Cantalice, que inúmeras vezes foi quem mais esteve presente nesta árdua caminhada que eu vivi nestes últimos anos de curso. Quando inúmeras vezes precisei me ausentar da presença de familiares, para me dedicar às atividades acadêmicas, e foi ela a pessoa que mais recorri quando as dúvidas surgiam nos horários mais improváveis possíveis.

Ao meu amigo e orientador José Adilson Filho, que aceitou esta difícil tarefa de me guiar pelo campo da pesquisa, desde a época do grupo de estudos e Pibic. Mesmo quando não poder me dedicar inteiramente às atividades acadêmicas, por causa do trabalho, para ele fica todo meu carinho e admiração.

Externo também meus agradecimentos a todos os professores que fazem parte do curso da UEPB. Em especial Eugenio Pereira, Maria Jackeline, Maria do Socorro Cipriano, Matusalém, Carlos Cirino, Everton Demétrio e Alberto Coura. Agradeço também a Bruno Gaudêncio e Rodrigo Henrique da Costa, que além das contribuições durante as disciplinas, aceitaram gentilmente fazer parte da minha banca.

As secretárias do nosso curso, Dona Socorro e Arleide que inúmeras vezes aguentaram minhas perturbações nas manhãs frias de Campina Grande, nos socorrendo sempre que preciso. Agradeço também as bibliotecárias da biblioteca Atila de Almeida, Estela, Larissa e Mirela por facilitarem meu trabalho no acervo do Diário da Borborema. A José Carlos dos Anjos Wallach que me possibilitou o acesso ao acervo do jornal Correio da Paraíba. A minhas colegas de trabalho, Gilene, Erika, Vanda e Larissa que inúmeras vezes cobriram meu horário, para que eu

pudesse me ausentar e participar de seminários, monitoria e eventos acadêmicos, sem vocês dificilmente teria conseguido metade do que tenho hoje. Aos colegas da turma de História 2012.2 que tornaram minha manhãs, mais alegres e divertidas, Daniela, Magna, Elias, Juliana, meu muito obrigado a todos.

Em especial a Fabrícia Evellyn, pelas inúmeras parcerias nos trabalhos, estágios, eventos e inúmeros momentos vivenciados fora do âmbito acadêmico. Pois em meio a correria do cotidiano e a concorrência acadêmica torna-se cada dia mais difícil andar pelo mundo e encontrar amigos verdadeiros, como diria Maria Quintana “A amizade é um amor que nunca morre”, e eu na minha simplicidade espero que essa amizade continue sempre a existir. Agradeço também ao meu amigo e conterrâneo Renan Oliveira pela amizade, carinho e paciência que tem demonstrado comigo nos últimos anos de curso, você me ajudou a ver a vida com novos olhos, acreditando sempre que é preciso superar os encontros da vida. Como diria Millôr Fernandes “A verdadeira amizade é aquela que nos permite falar, ao amigo, de todos os seus defeitos e de todas as nossas qualidades” e com certeza você fez isso, e eu só tenho que agradecer.

*“Amo a história. Se não a amasse não seria historiador. Fazer a vida em duas: consagrar uma à profissão, cumprida sem amor; reservar a outra a satisfação das necessidades profundas de algo de abominável quando a profissão que se escolheu é uma profissão de inteligência. Amo a história e é por isso que estou feliz por vos falar, hoje, daquilo que amo”.*

**Lucien Febvre**

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações construídas acerca do anticomunismo em jornais paraibanos, no início da década de 60. Faremos uma breve análise sobre os primórdios do anticomunismo no Brasil, chamando atenção para as rupturas e descontinuidades deste processo histórico, especificadamente sobre seu aspecto fantasmagórico. Para desenvolvimento deste trabalho, utilizaremos como fontes, o jornal Correio da Paraíba e Diário da Borborema, através destes buscamos realizar leituras e interpretações de estigmas e preconceitos veiculados nos jornais, pois os mesmos fornecem elementos para que possamos compreender a influência de tais preceitos sobre o imaginário anticomunista na Paraíba, legitimando assim uma cultura conservadora e autoritária, nos anos de 1960-1964. Teoricamente trabalhamos no campo da História Política em interface com a História Cultural, tendo como principais referenciais teóricos Chatier (1990) para trabalhar o conceito de representação e Le Goff (1994) com a concepção de documento/monumento. Para pensarmos o anticomunismo tomamos como referência Motta (2003) Cavalcante (2013) Rodeghero (1988).

**Palavras-Chaves:** Anticomunismo, representações, jornais paraibanos.

## ABSTRACT

This work aims at analyzing the representations made about anti-communism in Paraíba newspapers in the early 1960s. We are going to do a brief analysis of the beginnings of anticommunism in Brazil, paying attention to the ruptures and discontinuities of this historical process, specifically its ghostly aspect. In order to develop this work, we are going to use, as sources, the *Correio da Paraíba* and *Diário da Borborema* newspapers, through which we seek to make readings and interpretations of stigmas and prejudices in the newspapers, because they provide elements that we can understand the influence of such precepts on the Anti-communist imagination in Paraíba, therefore, legitimizing a conservative and authoritarian culture, in the years of 1960-1964. Theoretically, we work in the field of Political History in interface with Cultural History, having as main theoretical references Chatier (1990) to work the concept of representation and Le Goff (1994) with the conception of document / monument. To think about anticommunism we take as reference Motta (2003) Cavalcante (2013) Rodeghero (1988).

Key words: Anticommunism, representations, newspapers of Paraíba.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1. Revisitando o passado: O Fantasma do comunismo.....</b>	<b>18</b>
1.1- Trabalhos que contemplam discussões sobre as esquerdas brasileiras.....	21
1.2- O Anticomunismos no Brasil.....	23
<b>Capitulo 2. Reflexões sobre o uso dos periódico como Fontes Historiográfica.....</b>	<b>28</b>
2.1- Periódicos Trabalhados.....	30
2.2- O Anticomunismo nos Jornais.....	31
2.3- O Golpe que foi Silenciado por uma Festa.....	42
2.4- Dilemas de um Historiador.....	46
2.5- O Anticomunismo Dissimulado.....	47
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>51</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

Pretendemos com a presente pesquisa dar continuidade e ampliar a discussão iniciada no projeto do PIBIC, acerca do “medo vermelho” e suas representações em jornais paraibanos. Neste trabalho, tentaremos compreender e evidenciar as “campanhas anticomunistas” empreendidas na Paraíba entre 1960-1964. O presente trabalho tem o objetivo analisar os jornais como fontes fundamentais para os historiadores, assim como elevar os impressos à categoria de objeto de estudo da própria história. Utilizaremos, então, os jornais Correio da Paraíba e Diário da Borborema.

Não podendo assim negligenciar a importância dos periódicos para o enriquecimento historiográfico, já que através da imprensa pode-se entender, melhor, determinados comportamentos e práticas de uma dada sociedade, podemos inclusive realizar análises dos discursos que são proferidos pela imprensa de modo geral, utilizando-se de periódicos para construir esta narrativa. Utilizaremos, então, os jornais Correio da Paraíba e Diário da Borborema.

Dando continuidade a esse trajeto que se iniciou há alguns anos, utilizaremos Roger Chartier, para trabalhar com o conceito de representação e Zygmunt Bauman para pensarmos a produção de estranhos na sociedade moderna. Durante esse percurso faremos algumas explanações sobre determinados trabalhos, enquanto outros citaremos de maneira breve, apenas para enriquecer nossa escrita, visto que nossa pesquisa obedece a um recorte temporal datado em (1960-1964). Pensar os periódicos como fontes historiográficas é ressaltar que “a história ser construída por meio de periódicos é algo relativamente novo” (LUCA, 2010 p.7)

Segundo a historiadora Tania Regina de Luca,<sup>1</sup> na década de 1970, havia um número irrelevante de trabalhos que utilizavam os jornais e revistas, como fonte para o conhecimento da História no Brasil. Desta forma, podemos destacar que o ideal da busca pela “verdade”, não contribuía muito para o uso das fontes. Para essa situação colaborou a cultura historiográfica predominante no século XIX e as décadas iniciais do século XX, que tinham como meta

---

<sup>1</sup> No livro sobre Fontes históricas, organizado por Carla Bassanezi Pinsky, a autora Tania Regina de Luca escreveu um artigo sobre o uso de Fontes impressas, no qual ela discute a história dos, nos e por meio dos periódicos, a autora discute as concepções acerca de trabalhos que utilizam os periódicos como fontes documentais, e ressaltar que é algo muito recente na historiografia brasileira. Diante de tais questões ela nos mostra elementos que sejam capazes de nos ajudar e auxiliar no ofício do historiador.

alcançar a “verdade” dos fatos. Assim, o historiador não deveria se utilizar de fontes como os jornais, os quais eram vistas como enciclopédias do cotidiano, acreditando-se que esses continham apenas fragmentos do presente, realizados a partir de interesses, compromissos e paixões.

Segundo Burke (2010) a escola dos Annales na década de 1930 já criticava esse tipo de concepção, que não se abria para novas possibilidades no campo da pesquisa historiográfica, pois a Escola dos Annales já lutava pela renovação de temas e problemáticas e os procedimentos metodológicos da disciplina de História. Mas podemos ressaltar que, essas críticas não resultaram no uso imediato da imprensa como fonte histórica.

Esse cenário só veio mudar um pouco no século XX, na França, com a terceira geração dos Annales, quando se realizou um deslocamento, sem negar a relevância das fontes de ordem natural perceptíveis da longa duração, além de natureza econômica e demográfica, levados a pensar que a partir de novas fontes fosse possível realizar um tratamento estático com novos objetos, problemas e abordagens.

Diante de tantas mudanças no campo historiográfico, também se redimensionou a concepção de documento até então predominante, cuja as bases foram bem trabalhadas e descritas pelo historiador Le Goff que discute a questão do Documento/Monumento<sup>2</sup>, tratando assim da revolução documental promovida pelos Annales, no qual questionavam os fundamentos da historiografia positivista, onde se acreditavam em uma ciência histórica com base no documento escrito, erguido assim como prova de objetividade.

A face mais evidente nesse momento foi o alargamento do campo da história, a renovação temática aparece nos campos de pesquisas, podendo destacar as práticas culinárias, o corpo, festas, os filmes. Com a utilização dos jornais abre se uma miríade de possibilidades, e todas essas eram ausentes no campo da história.

Podemos destacar ainda a emergência de uma passagem de paradigma em que análise macroeconômica era primordial para a História que trabalhasse com os sistemas culturais, causando assim o que muitos historiadores chamam de fragmentação de estudos históricos, que pertenciam anteriormente a uma “história total”.

Devemos destacar também a importância do “retorno” da História Política, que se deu exatamente na terceira geração dos Annales por volta de 1976, chegando assim outras

---

<sup>2</sup> Segundo Le Goff “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Desta forma só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa”

discussões e preocupações que anteriormente haviam sido silenciadas. A história política passa assim ocupar a ocupar um lugar de destaque na produção historiográfica, e aumenta o campo de debate com outras ciências, como Sociologia e Antropologia.

Segundo Chartier (1990) podemos compreender a história cultural como tendo principal objeto identificador o modo como em diferentes lugares e momento de uma determinada realidade social que é construída, pensada e lida. O exercício organizado em torno da apreensão do mundo social tem várias categorias fundamentais de percepção ou aparição no real, estas condições são partilhadas em um determinado grupo social. Para Chartier (1990, p.17) “São estes esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço ser decifrado”, e é a partir da visualização que se torna possível compreender e decifrar os espaços, na história cultural, a respeito de tais práticas ele ainda ressalta que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza(...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares e políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros. Por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformados ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p.17)

Utilizando as tendências da história cultural, temos a possibilidade de trabalhar com assuntos que anteriormente não fazia parte do campo de estudos históricos. Enfatizando o conceito de representação podemos compreender que as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, por implicarem em desenvolvimento de práticas e estratégias, sejam elas no campo escolar ou político. Tomamos como exemplo estes dois campos por entender que neles essas estratégias são cotidianamente desenvolvidas, pois trabalham com um número elevado de pessoas, exercendo sobre elas uma “certa autoridade” no caso da nossa pesquisa, observamos o papel da política, que se encontra interligada a imprensa e que exerce uma função de autoridade diante de determinados sujeitos.

No presente trabalho iremos transitar por uma área de estudo que encontra-se “pouco explorada” pela historiografia, se considerarmos os inúmeros estudos desenvolvidos em outros campos de estudo, tendo como exemplo: gênero, etnia e práticas educacionais. Portanto, ao observarmos essa cortina que nos liga ao passado, problematizaremos o comunismo/anticomunismo, não apenas como objetos políticos, mas, como experiências vivenciadas em uma sociedade, permeada por espaços e agentes diferentes, fazendo então um

exercício de análise para que possamos observar os diversos grupos sociais que sentiram e vivenciaram o anticomunismo em terras paraibanas.

Para trabalharmos a concepção do medo em terras paraibanas, lançamos mão dos estudos realizados por Rodeghero (1988), por compreender que o medo é sentido por todos os cidadãos, independente do posicionamento geográfico. Portanto, o medo foi criado, representado e reafirmado em discursos utilizados tanto pela classe política, quanto pela Igreja católica, que utilizaram a imprensa para fazer com que as pessoas muitas vezes alimentassem um medo latente, a ponto de quase causar uma histeria coletiva diante dos fatos que se faziam acreditar.

Discutiremos ainda como esse tema vem adquirindo visibilidade por meio de periódicos<sup>3</sup>, utilizando acontecimentos que envolveram não apenas aqueles que estavam no poder, mas a sociedade que sentia os acontecimentos de modos diferentes. São relatos que muitas vezes ganharam uma nota em uma página periférica de um desses jornais, são pequenos casos que misturam intrigas, paixões e medos vivenciados em esquinas, igrejas e escolas.

Nosso objetivo concerne em identificar como os jornais paraibanos repercutiam o comunismo/anticomunismo. Desse modo, faremos os seguintes questionamentos: Quais as influências ideológicas e institucionais sofridas pelos jornais? Quais as intencionalidades contidas nos editoriais e artigos analisados? Como podemos perceber as particularidades de cada periódico? E, de que maneira podemos observar como os jornais representam o comunismo em nível, regional, nacional e internacional? São estes os questionamentos que objetivamos responder no desenvolvimento da pesquisa.

Uma vez, que se encontram expostos nossos anseios, trabalharemos no sentido de problematizar e elencar o anticomunismo na Paraíba. Nesta pesquisa, realizaremos uma breve discussão em torno do comunismo e seus anseios por entendermos que não é possível trabalhar o anticomunismo sem fazer essa correlação com o comunismo. Portanto devemos conceituar aqui, quem seriam esses anticomunistas.

Segundo Motta (2002), os anticomunistas seriam os indivíduos e grupos dedicados a lutar contra o comunismo, seja pela palavra ou ação, dessa maneira entendemos que a base de atuação estaria centrada, portanto, numa recusa militante ao projeto comunista, tal projeto comunista, aqui mencionado está centrado, como síntese marxista-leninista, originadora do bolchevismo e do modelo soviético.

---

<sup>3</sup> Destaca-se aqui os trabalhos de Rodrigo Patto de Sá Motta: Em guarda contra o perigo vermelho: Anticomunismo no Brasil (1917-1964) Faustino Teatino Neto: “Ameaça vermelha” O imaginário anticomunista na Paraíba:(1917-947).

Existe uma característica inerente a quase todos os trabalhos que consideram a discussão sobre anticomunismo, seja no Brasil ou em outros países, a qual é justamente trazer à tona as querelas existentes em tornos dos “comunistas e anticomunistas”, portanto precisamos ficar atentos ao ambiente de convergência dos grupos que levantam as duas bandeiras.

Analisaremos assim o fenômeno e suas singularidades, dando voz aos duas instâncias. Segundo Motta (2002) no palco dos projetos anticomunistas podem ser ambientados planos tão díspares quanto o fascismo e o socialismo democrático ou até mesmo o catolicismo e o liberalismo. Utilizamos tal discussão como preâmbulo para revelar a heterogeneidade que se encontra no movimento, não devemos esquecer de mencionar que as uniões entre esses grupos ocorriam em momentos críticos para nação, necessitando igualmente da “união de todos”, deixando assim, para outro momento as divergências que os separavam, pois, a bandeira era apenas uma: combater o maior inimigo, o comunismo.

Ressaltamos que não existia um ambiente homogêneo, por entendermos que nele estavam inseridos muitos grupos anticomunistas, entre esses podemos destacar religiosos, jornalistas e até intelectuais, não podemos afirmar que a população tinham de fato um comportamento que pudessem ser considerado anticomunista, os poucos que tinham era na maioria das vezes influenciados pela Igreja ou a mídia que utilizavam de seus lugares de poder, para fazer com que os seus discursos reverberasse na sociedade, e não foram raras as vezes que os “comunistas” foram vistos como estranhos, causando assim um mal-estar na sociedade moderna:

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo- num desses, em dois ou em todos os três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia ao mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido; se em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas da fronteiras que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido-então cada sociedade produz sim estranhos. (BAUMAN, 1925, p.27)

Segundo Bauman, podemos observar que cada sociedade cria seus próprios “estranhos” e dessa maneira, conseguimos perceber que a sociedade brasileira e mundial também criou os seus. Sendo esses os “comunistas” e a partir deles foi se inventando o sentimento do anticomunismo na população, fazendo assim com que o discurso anticomunista reverberasse nos mais diversos segmentos da sociedade, e não são raras as vezes que a Igreja Católica, ajudou na produção e divulgação desse inimigo.

Trazendo a discussão para o espaço regional, analisaremos os impactos do espectro comunista no estado da Paraíba nos anos de 1960-1964. Nesse sentido, direcionamos nosso olhar para o combate exercido por jornais, que circularam nas cidades paraibanas, como já foi mencionado anteriormente, são eles: Correio da Paraíba, situado na capital, João Pessoa e Diário da Borborema, situado em Campina Grande. Através desses periódicos foi possível identificar os principais responsáveis pela difusão de valores ligados a cultura, política, comércio e economia, isso nos possibilitou a identificação de possíveis agentes que auxiliaram no combate ao comunismo em terras paraibanas.

O presente trabalho está dividido em dois capítulos, no primeiro capítulo realizaremos uma abordagem acerca do aspecto fantasmagórico do comunismo, como também destacaremos alguns trabalhos que tem como objetivo discutir a atuação das esquerdas no Brasil, no último momento dialogaremos com autores que discutem o anticomunismo no Brasil. No segundo capítulo, realizaremos uma discussão mais aprofundada em torno dos periódicos, utilizando assim artigos e editoriais que possam demonstrar o alinhamento anticomunista dos jornais paraibanos.

## CAPÍTULO I

### Revisitando o período: O fantasma do comunismo

Há muito tempo os fantasmas rondam a história, porém suas formas de aparição e recepção social assumem múltiplos significados, pois cada sociedade em seu tempo vai criando mecanismos para combater os respectivos fantasmas, como podemos observar no Manifesto do Partido Comunista:

Um fantasma ronda a Europa o fantasma do comunismo. Todas as potências da velha Europa uniram-se em uma Santa Aliança contra o fantasma, o papa e o Czar, Meternich e Guizot, as radicais francesas e os policiais alemães. Onde está o partido de oposição que não foi acusado de comunista pelos opositores do governo? Onde está o partido de oposição que não tivesse devolvido a estigmatizada acusação de comunista tanto contra os opositores mais progressistas como contra os adversários reacionários? Duas coisas resultam desse fato. O comunismo já é reconhecido como uma força por todas as potencias europeias, e já é hora de os comunistas apresentarem abertamente suas opiniões, seus objetivos, suas tendências perante todo o mundo, opondo a lenda do fantasma do comunismo um manifesto do próprio partido. (MARX e ENGELS, 1883, p.31)

No Brasil assim como no restante do mundo, os fantasmas apareceram, entre esses o mais significativo não foi a seca ou a fome, mas o comunismo, como podemos observar em meados do século XIX:

O comunismo tal qual um pesadelo passava a atormentar os cérebros de burgueses, aristocracias, nobres, clérigos e até intelectuais. Era complicadíssimo para a nova sociedade capitalista ter que conviver com a presença desconcertante desse que seria seu mais vigoroso inimigo. Combater admoestar e erradicar definitivamente esse novo mal-estar da cultura moderna, fora algo sistematicamente buscado pelas classes dominantes e seus aliados. (ADILSON FILHO, 2014, p.2)

Conviver com essa ameaça se tornou cada vez mais difícil em pleno século XX, quando o comunismo tornou-se ainda mais reluzente, devido a seus ideais que já se espalhavam pelos diversos lugares ou localidades do mundo. “Em países que foram sacudidos por processos revolucionários como a Rússia, China e Cuba, o comunismo avançou do apenas fantasmagórico para a condição de sistema sociopolítico e econômico” (ADILSON FILHO, 2014, p.2) O que anteriormente era uma preocupação fantasmagórica, agora se apresentará como uma ameaça mais bruta ao sistema vigente.

O fantasma reluzente do comunismo aparecerá com força no Brasil entre 1917-1964, e foi alimentado ao longo de todo o século. E em pleno século XXI, tal aparição continua a

espreitar, pronto para ressuscitar tão logo apareça no horizonte novas crises e outras ameaças à ordem. Em suma, o combate ao comunismo foi exercido por países ocidentais, uma maioria esmagadora de países capitalistas que tão logo trataram de alimentar o imaginário social<sup>4</sup>. Na América Latina, a Revolução Cubana que ocorreu em 1959, contribuiu para criação de um longo surto anticomunista e conseqüentemente esse surto criou ambientes propícios para legitimação de golpes e ditaduras no Brasil e no mundo.

Durante a realização de tais estudos sobre o anticomunismo podemos observar que as campanhas anticomunistas foram utilizadas para salvar a sociedade dos “agentes comunistas”, mesmo que em muitas ocasiões não passasse de uma “espetacularização” de poderes ligados às classes dominantes, onde o autoritarismo sempre esteve presente como um dos traços mais marcantes da tradição da política brasileira, e esse autoritarismo é sempre percebido ao longo de nossos levantamentos sobre os caminhos da ditadura, como podemos observar:

O autoritarismo era evidente na exclusão do jogo político de amplas camadas populares, por analfabetos, no estreito controle estatal das estruturas corporativas sindicais, herança intocada da ditadura varguista; no domínio contrastado dos monopólios latifundiários- e do poder dos senhores de terras sobre a maioria da população, ainda vivendo no campo onde a lei mal chegava ou não chegava, na repressão intermitente dos movimentos populares; na tutelar militar, onipresente, característica da República brasileira desde de sua fundação.(REIS, 2014,p.17)

Enfatizando tais discussões como preâmbulo para pensar o nosso trabalho sobre anticomunismo em jornais paraibanos, observamos que já se passaram quase 53 anos do golpe de 1964, e o imaginário social brasileiro continua ainda bastante apreensivo, quando o assunto é comunismo. Há alguns anos atrás foram recorrentes as associações feitas entre o comunismo e o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) especificadamente quando manifestantes foram às ruas, pedir o impeachment da então presidente Dilma Rousseff.

E mesmo, no ano de 2016, com a saída dela da Presidência da República, as associações ainda são problemáticas, e se tornam um peso em uma sociedade que se diz “democrática”. Tais manifestações outrora, partiam de jornais, rádio e televisão, entretanto, na atualidade contamos com mais um aliado na disseminação de notícias, a internet que juntamente com as redes sociais, tem noticiado fatos e eventos em uma velocidade avassaladora. Como nosso trabalho é ambientado na década de 60, não contaremos com auxílio de recursos oriundos da internet.

---

<sup>4</sup>A problemática do imaginário destaca-se hoje como uma tendência estimulante de debates para a historiografia contemporânea. Conceito polissêmico, pode-se dizer que sua discussão realiza, de certa forma, a tão desejada interdisciplinaridade, visto que se estende por áreas diversas das ciências humanas, tais como a sociologia, antropologia, psicologia e, é claro, a história.

Portanto, os periódicos nos oferecem uma amostra, acerca do que ocorreu em uma determinada época histórica. Desta forma, acreditamos que os intelectuais de modo geral não devem deixar essas fontes sem o devido estudo, pois são fontes importantes para problematizarmos os diversos períodos da história brasileira e mundial.

No início da década 60, segundo o Diário da Borborema<sup>5</sup> Campina Grande vivenciava um momento calmo no combate ao comunismo, o clima só veio a se agravar no ano de 1963<sup>6</sup>, quando algumas cassações foram realizadas. Antes disso o que a mídia processava era a respeito de algumas supostas “infiltrações comunistas” no Brasil. O jornal “Diário da Borborema” foi fundado em 1957 e, consecutivamente, foi por muitos anos um importante meio de comunicação e circulação de notícias na cidade. Portanto um jornal não é apenas um veículo de comunicação ele é agente histórico, pois através deles, podemos compreender a dinâmica histórica de uma dada realidade.

Um jornal pode representar muito para a história de uma cidade. A trajetória de um jornal ajuda a iluminar a história do lugar que o viu nascer e se desenvolver. Do mesmo modo, a compreensão desta trajetória só se torna minimamente inteligível se inserirmos o mesmo no contexto que o viu emergir e florescer é desta dialética histórica que falamos, quando optamos em utilizar os jornais e demarcar o contexto social. (MENDONÇA 2011, p.6)

Embora existam outros periódicos que retratem a década de 60,<sup>7</sup> resolvemos nos concentrar no Diário da Borborema por ter sido ele o jornal que a partir de outubro de 1957, se constituir como uma das principais fontes formadoras de opinião dos habitantes da “Rainha da Borborema”. Pois, nesse periódico escreveram jornalistas profissionais, intelectuais, poetas e até mesmo religiosos, pessoas que tinham um certo poder para ajudar os demais firmarem opiniões.

Nesta pesquisa daremos destaque aos artigos assinados por Assis Chateaubriand, e a coluna “Por este Mundo Além”, escrita por Antônio Barros Pontes, e igualmente entraram para linha de análises os editoriais, que constantemente traziam opiniões acerca do comunismo, que em suma expressam a opinião não apenas de quem o escreve, mas ao mesmo tempo o posicionamento daqueles que detinham o poder, neste caso o posicionamento anticomunista.

Durante cerca de 55 anos, o Diário da Borborema levou à cidade de Campina Grande notícias sobre os alguns acontecimentos, entre eles o combate ao comunismo, e críticas ao

---

<sup>5</sup> Diário da Borborema, matéria veiculada no dia 11 de Fevereiro de 1960, na 5 página.

<sup>6</sup> Na própria eleição municipal de 1963, houve cassação do registro de candidatura de José Pereira, conhecido popularmente na cidade como “Peba” e o registro do seu vice Manoel Monteiro, é interessante destacarmos que ambos eram filiados ao Partido Socialista Brasileiro, logo assim eram constantemente taxados de “comunistas” ou desviantes da sociedade.

<sup>7</sup> Jornal Correio da Paraíba, situado na capital paraibana.

presidente da República, tais críticas eram caracterizadas por múltiplos motivos, entre eles podemos destacar o não posicionamento do presidente em relação a Cuba, e ainda ser um taxado de caudilho do Mato Grosso, que posteriormente iria sucumbir assim como fez Getúlio Vargas. Entretanto, alguns historiadores<sup>8</sup> defendem que os jornais brasileiros em sua maioria não fizeram uma oposição que possa ser tachada de agressiva e violenta ao governo de Goulart, diferente de como ocorrerá no segundo mandato de Getúlio Vargas que houve muita oposição.

### **1.1- Trabalhos que contemplam discussões sobre as esquerdas brasileiras**

Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, houve um aumento considerável no número de trabalhos acadêmicos que estudam as esquerdas no Brasil. Dentro do rol de pesquisadores, podemos citar Ângela de Castro Gomes, Jorge Ferreira<sup>9</sup> e Daniel Aarão Reis<sup>10</sup> e o jornalista Dênis de Moraes. Destacamos ainda a tese de Janaína Martins Cordeiro<sup>11</sup> que estuda sobre a campanha da mulher pela democracia e a ditadura no Brasil.

No ano de 2014, Ferreira e Gomes (2014) produziram um livro intitulado de: *1964: O golpe que derrubou o presidente, pôs fim ao regime democrático e institui a democracia no Brasil*, neste livro os autores se propuseram a narrar e explicar as origens da crise que levou a deposição de João Goulart e o início da nossa última ditadura, (que assim permaneça) segundo os autores a obra foi produzida com o objetivo de fazer com que o leitor possa compreender os acontecimentos que desembocaram em um golpe de estado que desencadeou uma longa ditadura. Para realização da pesquisa eles utilizaram uma gama de jornais brasileiros e recursos iconográficos, neste sentido lançaremos mão de alguns capítulos para melhor compreender como devemos utilizar os jornais para construir o conhecimento histórico.

Embora o livro citado no parágrafo anterior não trate exclusivamente da atuação das esquerdas ou do combate ao comunismo, esse nos oferece capítulos cruciais para pensarmos o caminho de 1964, a exemplo do capítulo XIII: *1963, o ano que não acabou*, e o capítulo XVI, intitulado de: *O longo março de 1964*, através dos periódicos, esse livro nos levam a investigar caminhos sombrios da nossa história recente brasileira.

---

<sup>9</sup> Respectivamente destacamos o livro produzido em parceria por Ângela de Castro Gomes e Jorge Ferreira, intitulado de: *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e institui a democracia no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro, 2014.

<sup>10</sup> Citamos também o livro de Daniel Aarão Reis, intitulado de: *Ditadura e Democracia no Brasil: Do golpe de 1964 a constituição de 1988*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

<sup>11</sup> *Direitas em movimento: A campanha da mulher pela democracia e a ditadura no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro. FGV, 2009.

Pensar a História a partir de conceitos como, direita e esquerda, não é algo simples, assim como qualquer outra conceituação. Ambíguas, polissêmicas e num contínuo processo de metamorfose, esquerda e direita, designam lugares e representar pessoas e seus modos de pensar em uma determinada sociedade, adquirem significados múltiplos, dependendo de quem fala, o conceito pode demarcar fronteiras, até então impensáveis. Neste sentido trabalhamos com o conceito de esquerda estudado por Norberto Bobbio (1995), no qual se entende “esquerda”, como forças e as lideranças políticas animadas e inspiradas pela perspectiva de igualdade, pela mudança reformista ou revolucionária.

O trabalho de Daniel Aarão Reis (2014) vem colaborando no sentido de que discute dois temas que atravessam constantemente a história brasileira, ditadura e democracia. Neste livro o autor faz uma ampla discussão, utilizando com recorte temporal 1964-1988, remontando alguns marcos como o de 1917, e elencando as possíveis rupturas e permanências no cenário da política brasileira atual.

O trabalho desenvolvido por Moraes (2011) nos faz pensar a respeito dos enleios que envolvem a história brasileira. Desde do início do século XX, podemos observar as diversas atuações esquerdistas que se desenvolveram no país, como também seus múltiplos desdobramentos que acompanharam todo processo, dessa forma destacamos também as influências que o comunismo exerceu sobre jovens brasileiros, que assistiam os “êxitos” de países comunistas, entre eles podemos citar Rússia e Cuba, e esse êxito ficou bem visível no depoimento de Carlos Vereza ao CPC

É impossível falar daquela época sem se levar em consideração o que representou para a minha geração a Revolução Cubana. O que havia de busca da utopia que chegava até nós. O jovem que não participasse era um imbecil imperdoável. Havia, inclusive, o aspecto teatral da Revolução Cubana, aquela coisa fascinante. Os uniformes, ver Fidel Castro a meio metro como eu vi na Avenida Atlântica, sujeito de dois metros por cinco e meio de largura, charuto enorme.... E a barba, aquela farda... (MORAES, 2011, p. 17).

No que se refere a derrota sofrida pela esquerda de 1964, Moraes afirmar que “o problema foi a forma que eles pensaram a batalha, pois aqueles homens só pensaram em lutar e vencer, ou lutar e morrer, só esqueceram de pensar na possibilidade de perder a batalha, e foi isso que aconteceu” (MORAES, 2011, p.95). Buscando possíveis justificativas para a derrota, o autor nos apresenta uma série de entrevistas, realizadas com alguns nomes da esquerda brasileira, entre eles, Luiz Carlos Prestes, Francisco Julião, Leonel Brizola, Celso Furtado e Darcy Ribeiro, Almir Sader e Caio Prado Junior entre tantos outros. O que queremos com essa discussão? Demonstrar que diante dos fatos vivenciados, é inegável o fascínio que o

comunismo exerceu em terras brasileiras. Logo assim se tornaria “inaceitável” que a imprensa pudesse tolerar a chegada do inimigo, sem alertar a população para o perigo que se aproximava.

Outro ponto relevante do livro de Moraes (2011) é a euforia da visita de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil, iniciada em 1960. As novas gerações brasileiras se encontravam eufóricas com a arte *engageé*<sup>12</sup>, tal expressão era mais que perfeita para o momento que o Brasil e o mundo vivenciavam, onde os jovens buscavam se libertar dos princípios que iam contra sua liberdade. Dessa forma, Sartre se tornou quase “o papa do existencialismo”, nas universidades brasileiras e o anseio era grande para ouvir o filósofo que decisivamente era empenhado nas lutas políticas, e defensor da Revolução Cubana, depois de quatro meses no Brasil, Sartre deixou nossa pátria e disse ser a favor de Cuba, ressaltando que “É preciso que os cubanos triunfem, ou perderemos tudo, até mesmo a esperança”.

A passagem de Sartre no Brasil, fez com que a imprensa declarasse de vez guerra ao comunismo, pois Sartre e Beauvoir defendiam abertamente a revolução comunista, como também o direito à liberdade. E, isso implicaria se libertar de todos os padrões que a sociedade capitalista, imponha aos cidadãos, a juventude especificadamente via nos escritos do filósofo a chave para a busca da liberdade e a “quebra total” de tantas regras impostas pelo o sistema, que inúmeras vezes castrava o direito de manifestar-se, e conseqüentemente buscar a liberdade.

Sartre e Beauvoir estava no Brasil em Setembro de 1960, falando a milhares de jovens que se Cuba não tivesse êxito na sua revolução todos estariam perdidos e sem esperança de resolver mais nada, para os “empreendedores das campanhas anticomunistas” quaisquer escritos que fossem contra o sistema capitalista e incentivasse a comunização mundial, deveriam ser imediatamente combatidos, inclusive nas colunas diárias de muitos jornais brasileiros.

## **1.2- O Anticomunismo no Brasil**

Ao longo do século XX, em períodos de crise ou em momentos de suspeitável estabilidade social, as representações produzidas no Brasil e centradas no anticomunismo ocupam uma posição destacada e o resultado dessas instabilidades se manifestaram através das inúmeras produções acadêmicas, entre elas podemos destacar, o trabalho de Motta (2002), que trata o fenômeno inserido num processo de longevidade temporal e demonstram a emergência

---

<sup>12</sup>Tal expressão foi retirada do vocabulário sartreano, pedra angular do existencialismo, que consistia em um princípio de liberdade dos valores vigentes e ao mesmo tempo no aprofundamento em uma série de indagações que estavam em todos os jovens inquietos e insatisfeitos.

e a atualidade da temática, datado de 1917-1964. Rodghero (1998), abordando o anticomunismo de matriz católica e sua recepção no Rio Grande do Sul entre 1945 e 1964. O estudo desenvolvido por Cavalcante (2013), abordando o imaginário anticomunista na Paraíba entre 1917-1937.

Trilhando caminhos percorridos por outros historiadores, pensamos o anticomunismo no plural<sup>13</sup>, por entender que não existiu apenas um grupo, mas várias matrizes anticomunistas. Analisando a tese de Motta (2002) observamos que o anticomunismo já havia começado a se manifestar na década de 50, de modo tácito, entre eles podemos citar a Cruzada Brasileira Anticomunista<sup>14</sup> que ocupa um papel secundário no cenário político. Diferentemente da década de 60, quando o anticomunismo adquiriu uma importância preponderante, constituindo-se na fagulha principal a detonar o golpe militar de 31 de março de 1964.

As premissas abordadas no parágrafo anterior, fazem parte da análise que estamos produzindo a partir da tese de Motta (2002) deste modo devemos pensar o anticomunismo em três níveis, sendo eles o plano internacional, brasileiro e regional, desta maneira poderemos observar como os discursos vão sendo plasmados em cada lugar.

No Brasil, os anticomunismos e sua difusão estão alinhados à própria formação e a atuação do Partido Comunista do Brasil (PCB), fundado no Rio de Janeiro em março de 1922, este partido foi muito importante para o Brasil, pois dele surgiram vários partidos que potenciaram a política brasileira. E dele também surgiram as tentativas de assalto ao poder, dessa forma ao longo da história, podemos problematizar os eventos revolucionários, a respeito do partido.

Uma vez retiradas as lentes que inúmeras vezes colocamos para ver o comunismo na sua fase mais utópica, podemos observar que existiam bons motivos para que todos acreditássemos que ele seria “uma boa solução para quase todos problemas da humanidade”, da seguinte maneira:

Os comunistas acreditavam haver encontrado o caminho para a redenção do mal. O ser humano é inequivocamente bom, bem disposto para com o próximo, mas a instituição da propriedade privada lhe corrompeu a natureza.

---

<sup>13</sup> Fizemos a opção de trabalhar o anticomunismo no plural, por entender que, tal conceito está no plano político, levando em consideração os seguintes casos, que envolvem países e relações internacionais. Desta forma não pode ser utilizado no singular.

<sup>14</sup> A Cruzada Brasileira Anticomunista (CBA) Foi uma Organização civil de âmbito nacional fundada em fevereiro de 1952 pelo contra-almirante Carlos Pena Boto, à frente de um grupo que incluía Joaquim Miguel Ferreira Vieira, o delegado Cecil Borer, o doutor Dourado Lopes e outros. Seu objetivo era “combater o comunismo com palavras e não com armas”. Foi extinta em 1973, imediatamente após a morte de Pena Boto. A linha de atuação da (CBA) durante toda sua existência centrou-se na figura de Pena Boto. Além de presidente da CBA desde a fundação, Pena Boto era o único porta-voz da organização, responsabilizando-se por seus documentos e manifestos. Em síntese, seu nome confundia-se com a própria cruzada.

A posse de bens privados dá poder a um indivíduo, e com isso a tentação de maltratar o próximo: o despossuído deve se rebelar contra o opressor, seu inimigo. Se a propriedade privada for abolida, todos os bens forem tornados comuns e todos os homens puderem desfrutá-los, desaparecerão a malvalência e a inimizade entre os homens, com todas as necessidades estarão satisfeitos, ninguém terá motivo de enxergar no outro um inimigo. E todos se encarregarão espontaneamente do trabalho necessário. (FREUD,1939, p.79).

No primeiro capítulo da tese Motta (2002) faz uma breve análise, a respeito da recepção dos conceitos do anticomunismo no Brasil, ressaltando que o anticomunismo teve como “<sup>15</sup>marco inicial” a revolução de 1917, e ao longo do capítulo, o autor buscará elementos que nos possibilite entender o caminho trilhado pelos agentes que estavam dispostos a defender com “unhas e dentes” o anticomunismo em terras brasileiras, destacando também o papel de grande relevância que a Igreja Católica exerceu no combate ao comunismo, a atuação do PCB, que também foi contemplada na discussão.

O anticomunismo no Brasil se manifestou logo após a Revolução de 1917, e esteve diretamente ligado ao bolchevismo e as crises revolucionárias que surgiram no país pós guerra. A sociedade brasileira assim, como os demais países capitalistas, tratou logo de combater o comunismo e todo seu aspecto fantasmagórico, e um dos meios utilizados para isso, foi o forte poder da propaganda anticomunista.

Ressaltaremos, nesta ocasião, a visão de outros historiadores acerca do anticomunismo ser concebido logo após a revolução de 1917, observando assim os avanços e superações de trabalhos nessa área. A reavaliação de Malatian (2003) nos orientou a olhar com mais acuidade o anticomunismo no sentido de que suas raízes são anteriores, “o anticomunismo é um componente da política que tem raízes anteriores a este evento, e solidamente enraizado na cultura política ocidental derivada assim do catolicismo antiliberal do século XIX”(MALATIN,2003,p.175) Segundo a autora, o que houve foi uma releitura das ideias antiliberais do século XVIII, pela Igreja Católica, para fazer frente ao comunismo no século XX, o que denota o quão remotas são as bases do anticomunismo católico.

Mais que uma manifestação espontânea, o anticomunismo pertence a um discurso da ordem extremamente elaborado fundamentado, organizado e difundido pela igreja, um entre os diversos catolicismos. Antecede a Revolução Russa de 1917 e a fundação do PCB, reporta-se as propostas anarquistas, socialistas e comunistas do século XIX, e a dinâmica das sociedades capitalistas. (MALATIAN,2003, p.178)

---

<sup>15</sup> Utilizei as aspas no marco inicial, porque entre os historiadores há discordâncias sobre o fato do marco inicial do anticomunismo ser ou não a Revolução de 1917. Neste ponto, vamos abordar a fundamentação doutrinária do anticomunismo, destacando as principais fontes matriciais a fornecerem argumentos para elaboração das representações acerca do “perigo vermelho”.

Outro historiador que também discorda da tese de Motta, no sentido de que as raízes do anticomunismo são posteriores a revolução de outubro de 1917 é Cavalcante (2013), entretanto ele “afirma que o trabalho de Motta ainda é a principal referência para pensarmos os anticomunismos na história do Brasil, sobretudo a partir desse marco” (CAVALCANTE, 2013, p.37).

A respeito da propaganda anticomunista no Brasil, Motta “afirma que não é nenhuma surpresa o fato que as elites brasileiras, habituadas a importar tudo dos países centrais, desde artigos de consumo a ideias, tenham sido caudatárias também em relação ao anticomunismo” (MOTTA, 2002, p.48). De fato, ainda na atualidade as elites brasileiras continuam a desenvolver o mesmo hábito.

No Brasil, os valores religiosos desde 1917, se tornaram um forte agente de mobilização anticomunista, e a Igreja Católica ainda na atualidade tem um grande poder de mobilização social, devido grande número de pessoas que estão sob seu poder discursivo. Nesta linha podemos destacar que existe uma característica peculiar no Brasil, a “Intentona Comunista” de 1935, que foi demasiadamente explorada da pela propaganda anticomunista e através da propaganda foram sendo criadas representações que fortaleceram o imaginário anticomunista. Sobretudo na Igreja Católica onde as representações do comunismo, foram muito exploradas.

Segundo Rodeghero (1988) o medo encenado na imagem daquele ilustre personagem, foi suficiente para que a igreja passasse a exercer um maior controle e vigilância, dentro do campo religioso. Sob batinas brancas o clero buscou uma maneira de alimentar a representação do diabo, e para isso, encontrou no comunismo a personificação perfeita para o diabo, e foi lapidando a partir de discursos a representação do inimigo na terra. Segundo o Papa Pio XI “A doutrina da Igreja é a única que pode produzir a salvação contra a ideologia comunista” (RODEGHERO, 1988, p,127)

Nesse aspecto, os discursos funcionaram com precisão e eficácia, e dessa forma a igreja conseguiu exercer um amplo domínio discursivo na mente dos fiéis, que acreditavam em basicamente que o discurso religioso veiculava, pois os discursos fazem ver, embora façam ver algo diferente daquilo que dizem. Os discursos produzem uma visibilidade e dizibilidade<sup>16</sup>, que nem sempre são aquilo que se diz e se vê.

---

<sup>16</sup> Respectivamente sobre os conceitos de visibilidade e dizibilidade, ver Albuquerque Jr. Durval Muniz; A invenção do Nordeste e outras artes, Recife, 2001. Durval nos oferecer ferramentas importantes para pensar que, os discursos fazem ver algo diferente do que dizem, sendo necessário assim que possamos percorrer as estratégias de poder, para só assim compreende-las.

A igreja dessa forma encontrou no anticomunismo um “aliado” para combater o diabo na terra, logo assim o poder e o respeito crescia na mesma proporção que ele era condenado, evitado e combatido por todas as forças:

O diabo foi tornado político-partidário, munido de capa vermelha de foice e de martelo. Ele veio para destruí nossos lares e nossas famílias, o medo deveria tomar conta das consciências dos colonos para que a pedagogia do bem, finalmente, pudesse triunfar. O diabo passa a adquirir uma estética política-ideológica. (RODGHERO,1998, p.187)

Todavia, Rodeghero (1998) afirma que devemos deixar a ilustre figura nos bastidores da Igreja, e observar como o diabo se tornou comunista em diversos lugares do Brasil. Desta forma o anticomunismo se constitui em uma série de práticas destinadas a combater os comunistas e o comunismo, nesta dimensão o imaginário se constitui enquanto representação social, e passou a interferir na vida cotidiana dos, indivíduos, os forçando a forjarem novas identidades.

## CAPÍTULO II

### Reflexões Sobre o uso dos Periódicos como Fontes Historiográficas

Segundo Luca (2010), o estatuto da imprensa sofreu um deslocamento na década de 1970, ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto de pesquisa histórica<sup>17</sup>. Luca, ainda aponta alguns trabalhos historiográficos que utilizaram os jornais com muita maestria e afirmam que a novidade nas abordagens escolhidas. Para melhor compreensão citamos a obra de Capelato e Prado:

Os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação. A presente pesquisa ensaia uma nova direção ao instituir o jornal O Estado de S. Paulo como fonte única de investigação e análise crítica. A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por se entender que a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesse e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como “mero veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social no qual se insere. (CAPELATO, PRADO, 1980, p.19)

Segundo a citação anterior, podemos destacar que as autoras, asseguram que a partir das análises realizadas nos editoriais, é possível identificar o que está escrito nos editoriais e compreender que vai muito além da mera informação oferecida aos leitores. Observando que a atuação do Matutino<sup>18</sup> é um porta voz dos interesses das classes dominantes esteja ele localizado no Sudeste ou Nordeste. O jornal aparece então como um porta voz de uma classe que se faz ouvir a partir de discursos veiculados no jornal, influenciando assim diversos segmentos sociais com seus discursos e preceitos acerca de um determinado assunto, como nos assegura Michel Foucault:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar a intensidade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2008, p. 49)

---

<sup>17</sup> A tese de Arnaldo Contier, *Imprensa e ideologia em São Paulo* (1973), já indicava esse caminho ao vale-se da Linguística e da Semântica para estudar o vocabulário político e social presente num conjunto de jornais publicados entre o fim do primeiro reinado e o início da regência em 1827-1835. Trabalho citado por Tania Regina de Luca.

<sup>18</sup> O matutino aqui faz referência ao jornal, *O Estado de São Paulo*, o fundado em 4 de janeiro de 1875, e escolhido como fonte de pesquisa historiográfica, por Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado.

A realização desta pesquisa é desenvolvida na mesma linha adotada por Capelato e Prado, no sentido de utilizarmos os jornais como fonte e objeto de pesquisa. Compreendendo que nas páginas destes jornais, descobriremos mais que notícias, por entender que nestes se encontram tramas históricas e relações de poder. Cabendo aos pesquisadores perceber as inúmeras intencionalidades contidas nos discursos.

É inegável a importância dos periódicos para o enriquecimento historiográfico, já que através da imprensa pode-se entender melhor, determinados comportamentos e práticas de uma dada sociedade. Como observamos no decorrer da nossa pesquisa, a mídia impressa sempre teve influência na construção das representações que permeou o imaginário social e ainda na atualidade não cessam de produzir representações, pois os assuntos mudam, mas os estereótipos continuam sendo fabricados com a mesma intensidade.

Entre estas representações que eram produzidas pela a mídia, podemos destacar o comunismo e as possíveis manipulações de interesses veiculadas através de informações que são reapropriadas e ressignificada quando chegam ao leitor. Segundo Luca (2010) neste campo se encontra possíveis lacunas para as prováveis subjetividades como nos aponta Sirinelli (1996) “Uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade e observação extensiva aos jornais” (SIRINELLI, 1996, p.67).

Portanto já se tornou bastante compreensível o fato de que os jornais e revistas não são obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita, e, é justamente esses tipos de discursos que buscamos evidenciar e problematizar.

Parafraseando Luca(2010) quando cita Sirinelli (1996), vejamos a imprensa como “um ponto de encontro de itinerários individuais unidos em torno do credo comum”, nesta pesquisa irei apontar esse ponto comum, que é o combate exercido por periódicos paraibanos ao comunismo, dessa forma identificaremos, qual o grupo responsável pela linha editorial? Quem eram os colaboradores mais assíduos? E como eram escolhidos os títulos de textos pragmáticos? Dando conta assim das supostas intencionalidades veiculadas nos jornais.

Realizaremos assim o exercício de observar as duas faces da moeda, de um lado a produção editorial, que discursa conceitos sobre o comunismo, estereótipos e notas sobre o repúdio a tal “doutrina” e conseqüentemente assim o jornal legitima maneiras de ver e pensar o mundo. Realizaremos no outro lado, não podemos deixar de observar a recepção de leitores,

que embora “tenham conceitos pré estabelecidos” facilmente se deixam levar por ideias veiculadas nos jornais, transitando assim entre práticas e estratégias cotidianas.

Iremos enfatizar com mais precisão sobre as manchetes, reportagens, editoriais e fragmentos de jornais, devendo ampliar o terreno das problemáticas que incidem sobre o objeto de significativa complexidade. Pretendemos aqui esclarecer que a pesquisa em arquivos não é fácil, pois a realidade nem sempre atende a todas as nossas expectativas inocentes sobre um local ideal e adequado de trabalho para o pesquisador ou de preservação das fontes e o acesso a elas.

Segundo Carlos Barcellar (2010), os arquivos na maioria das vezes “não estão organizados à espera do historiador”, tais arquivos são organizados como depósitos de papéis velhos sem nenhum valor. Na sua maioria o que se encontram são funcionários burocráticos, salas escuras, documentos mal organizados e mal conservados dificultando muito a consolidação de uma pesquisa. Entretanto não devemos perder o brilho ou a vontade de realizar a pesquisa nos jornais, como nos aponta Barcellar:

Portanto, o historiador tem sempre pela frente o desafio de permanecer por meses, quando não por anos, nesses ambientes pouco acolhedores em termos de conforto e de condições de trabalho, mas em um esforço que quase sempre levará a alcançar resultados muito gratificantes. Encontrar os documentos que servem ao tema trabalhado é uma sensação que todos que passaram pela experiência recordam com prazer, e os move a novamente retornar à pesquisa. (BACELLAR, 2010.p 49).

## **2.1 Periódicos trabalhados**

O primeiro periódico analisado é o jornal Diário da Borborema, que circulou de 1957 a 2012, e se tornou a principal fonte para pensarmos o anticomunismo em terras paraibanas, órgão pertencente aos Diários Associados, de propriedade do paraibano Assis Chateaubriand: ele se destacou como um dos grandes magnatas das comunicações no Brasil, nos anos de 1939 a 1960, durante muitos anos foi considerado o maior do país.

Assis Chateaubriand fundou os Diários Associados em 1924, com o objetivo de integrar o Brasil e levar o desenvolvimento a todas as regiões do país. Seu espírito empreendedor conseguiu consolidar uma imprensa moderna, profissional e engajada. Em 1989, inspirada pelos ideais de Chatô e com o propósito de preservar a memória do Grupo, nasce a Fundação Assis Chateaubriand (FAC), com sede em Brasília, Distrito Federal.

A Fundação Assis Chateaubriand não tem fins lucrativos e é responsável pelos trabalhos de responsabilidade social dos Diários Associados. Tem como missão gerar

oportunidades que contribuam para o desenvolvimento humano e social das comunidades localizadas, prioritariamente, onde o grupo atua. Além de realizar o trabalho social dos Diários Associados, a fundação desenvolve e executa projetos próprios dentro de cinco áreas principais: cultura, educação, esporte, saúde e turismo.

O segundo periódico analisado foi o jornal Correio da Paraíba, fundado em 5 de agosto de 1953, que era conhecido por trazer com frequência reportagens sobre os mais diversos acontecimentos nacionais, em sua maioria o que acontecia nas regiões Sul Sudeste. Durante quase toda a década de 60, o jornal divulgou os “grandes fatos da política nacional”, dando ênfase cotidianamente “as tentativas de infiltrações comunistas”. Com sede em João Pessoa, este jornal conquistou um grande número de leitores e se tornou uma das principais fontes de informação na capital paraibana, foi fundado e dirigido por Teotônio Fonseca, que nasceu em 1918, em Santana dos Garrotes (PB), e ainda jovem se destacou como um empreendedor no espaço da comunicação paraibana.

No ano que o jornal foi criado, quem estava na presidência do Brasil era Getúlio Vargas, e a Paraíba era governada por José Américo. As manchetes, opiniões e artigos que eram veiculados sempre reproduziam histórias de cunho nacional, dificilmente tratavam de fatos que aconteciam na região Nordeste, ou especificadamente na Paraíba, as matérias que tinham destaque em suas páginas eram em sua maioria faziam referência a São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Consequentemente nosso trabalho se encaminha no objetivo de contemplar a discussão entre os ditos e não ditos, buscando assim problematizar os discursos que foram silenciados em nome de outras discussões que eram constantemente veiculados no jornal Correio da Paraíba. Inúmeras vezes identificamos assuntos que não tinham nenhuma relevância em plano estadual, nosso objetivo é demonstrar ao leitor que na maioria das vezes existiam uma intencionalidade por trás daquela matéria irrelevante.

## **2.2 Anticomunismos nos jornais**

Este espaço será dedicado ao trabalho mais minucioso desta pesquisa, pois aqui abordarei os artigos e editoriais, alguns citados de maneira suscita e outros em forma de citações diretas, buscando assim trazer à luz um pouco do material que foi encontrado durante as visitas nos acervos paraibanos.

As visitas ao acervo do Diário da Borborema foram realizadas entre julho de 2016 a abril de 2017, onde obtive acesso aos cadernos referentes aos anos de 1960-1964. Ressaltamos que o material encontrado durante as visitas, foi suficiente para traçar o perfil e alinhamento anticomunista do DB, que tinham como diretor um dos homens mais conservadores e populares no ambiente da comunicação brasileira.

Neste período, que realizamos a pesquisa no acervo do DB, conseguimos um vasto material sobre os anos em que o anticomunismo mais se manifestou na Paraíba, 1963-1964. Desde das primeiras edições analisadas, podemos destacar que este jornal adotou uma postura ideológica explicitamente anticomunista, fosse no plano nacional, regional ou local o comunismo foi combatido.

Neste movimento, o jornal Diário da Borborema não estava sozinho, pois já foi comprovado por meio de pesquisas historiográficas que a maior parte da mídia nacional seguiu este caminho, seja premida pelas circunstâncias, por conveniência ou mesmo por adesismo ativo. Desta forma é “quase compreensível a postura deste jornal”.

Aproveitando-se desta conveniência o diretor do matutino Diário da Borborema, logo tratou de fazer com que “seus discursos reverberasse” nos quatro cantos da cidade, dessa forma quase todos os dias o diretor Assis Chateaubriand escrevia algo que tivesse relação com os fatos políticos nacionais ou internacionais que tivesse alguma relação com o comunismo, que assombrava toda nação brasileira, alimentando assim o imaginário social que já se encontrava bastante abalado em terras paraibanas.

Em um artigo publicado no dia 6 de fevereiro de 1960, intitulado de “*Nos bastidores do golpe*”, assinado por Chatô:

Anuncia-se que o governo está decidido a enfrentar a ousadia das infiltrações comunistas, tantas vezes denunciadas em nossos periódicos. Agora mesmo, o assunto foi exposto no senado norte americano, apontando-se o Brasil como exemplo de país em que os comunistas subordinados as ordens de Moscou, estão se mantendo mais ativos pela importância dos cargos em que eles se acham aboletados. (...) dessa verificação resultou o novo método de infiltração, pura e simples em posições chaves de governo e de preferência ao esforço doutrinário de intelectuais, o nacionalismo tornou-se assim refúgio de primeira categoria para a defesa de interesses russos, a posição tática mais vantajosa para promover hostilidade aos Estados Unidos.

Neste artigo, Chatô teceu duras críticas a dois grupos, um deles os que trabalharam nos bastidores do poder, e o outro os intelectuais que “doutrinam” as boas pessoas que ainda

restavam neste país, e ainda advertem dizendo que muitas vezes os jornais que ele estavam alinhado, denunciaram essa corja de “comunistas”, que visam acabar com o Brasil. Demonstrando inclusive preocupação com tal situação, por promover hostilidade com os Estados Unidos da América, de maneira desnecessária, por entender que isso não é bom para nosso “querido e amado país”. Em outra passagem, ainda do mesmo artigo, ele concluir que:

Informa-se que o governo resolve fechar algumas entidades de “frente comunista”, ou sejam organizações criadas pelos comunistas para aliciar inocentes uteis e jogar com eles para seus próprios fins. Então lhes faço uma pergunta, como poderá o governo fechar tais entidades antes de expurgar de suas próprias repartições e até das forças armadas elementos notoriamente ligados ao comunismo e postos ao seu serviço? (...) Me diga como conciliar essa altitude repressiva do comunismo com o fato escandaloso de ser o próprio governo que custeia o ISEB, que é conhecido no Brasil e lá fora dele, como centro fervoroso de proselitismo soviético, segundo se sabe, este organiza os seus programas de ensino sob supervisão direta de perigosos remitentes adeptos de Karl Marx? Não é de hoje nem de ontem que a imprensa denuncia os falsos nacionalistas do ISEB, regimento pagos pelo governo para envenenar a modalidade estudiosa com as ideias comunistas, executando de maneira cínica e deliberadamente um programa ordenado de Moscou.<sup>19</sup>

Segundo tal artigo, podemos observar que o autor do mesmo, insistem em falar que o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, encontravam-se tomado por agentes ligados a Moscou e seguidores de Marx, e que nas forças armadas, também se encontra alguns adeptos ao credo vermelho. Através desse artigo ele discursa sobre a necessidade de que o presidente venha tomar uma iniciativa leal e decente, diante dos últimos fatos que vem acontecendo no país, para só assim de fato combater o inimigo que anda “assombrando” a nação brasileira.

No fim do artigo, Chatô, conclui com as seguintes palavras “*A obra tem que ser começada dentro dos próprios bastidores oficiais, onde sob a capa do Nacionalismo, os comunistas estão tentando abater as instituições livres do Brasil*”. A reforma precisa começa nos bastidores do governo e não nas ruas ou empresas.

Ao longo da pesquisa inúmeras vezes nos deparamos com editoriais e artigos que faziam menção as tentativas de instalação do comunismo no Brasil, pois em Cuba ele já havia se instalado e não faltavam relatos acerca do possível mal-estar, que tal “doutrina”, poderia causar na sociedade brasileira. Enfim, o que tantas matérias nos levaram a perceber? Segundo as análises realizadas, o que era mais recorrente em seus editoriais, era a vontade de mostrar à população que os comunistas estavam “em todos os lugares”, e que deveriam ser constantemente combatidos fosse pela palavra ou pela ação.

---

<sup>19</sup> Diário da Borborema, 06/02/1960, p.3. Os bastidores do governo, assinado por, Assis Chateaubriand.

Não é raro encontrarmos no processo de revisão bibliográfica, menções a Assis Chateaubriand, no trabalho de Motta (2002), “ele destaca que a imprensa fez alguns ataques ao interventor nomeado para São Paulo, o “tenente” João Alberto, afirmando que ele não era de confiança, pois foi acusado de proteger ou se conluir com os comunistas, quando transpiraram informações de que seria permitido o funcionamento legal do Partido Comunista, em São Paulo”. Diante dessa citação, podemos perceber que a atuação de Chatô na imprensa era constante.

Referente ao ano de 1961, não encontramos artigos, que abordassem o anticomunismo, entretanto encontramos alguns editoriais que mencionaram o assunto de maneira discreta. Em um editorial do dia 8 de janeiro de 1961, intitulado de “*A Paz mundial ameaçada com crise entre Estados Unidos e Cuba*” Um jornal comunista Hay publica numa entrevista com presidente da união cívica radical Sr. Santiago Del Castilho que este aparece afirmando que o rompimento das relações diplomáticas entre os EUA e Cuba ameaça de fato a paz mundial. Poucos dias depois autoridades anunciam que existem jornalistas presos em Havana, e são eles americanos e foram detidos pela polícia quando tiravam fotos dos edifícios da embaixada dos Estados Unidos em Havana. Outro repórter canadense foi também detido por fotografar as filhas de cubanos que buscavam permissão para deixar o país.

Segundo o Diário da Borborema, essas prisões nada mais seriam que retaliações aos Estados Unidos, por estarem tentando interferirem na política cubana. Ainda no mesmo editorial podemos destacar que “O chanceler Raul Roa regressou ontem à noite a Cuba depois de haver assistido a sessão especial do conselho de Segurança da ONU, na qual ele denunciou a eminente invasão americana contra seu país. Viajou no mesmo avião em que regressou a Havana, juntamente com os membros do consulado cubano nos Estados Unidos”. Segundo tais editoriais, podemos afirmar que a hostilidade entre os dois países era real e precisavam ser discutida em todos os planos.

Como já foi mencionado ao longo da pesquisa o editorial talvez seja a parte onde mais explicitamente fica claro os interesses e o projeto que um jornal representa na sociedade e a política que o jornal se enquadrará. Na chamada “grande imprensa”, os editoriais, concedem assim uma maior liberdade para que o grupo editorial possa fazer circular o que pensam acerca de um determinado conteúdo.

Foi pensando a respeito de questões como estas que no dia 17 de Novembro de 1961, Antônio Barros Pontes, escreveu na coluna, “Por este mundo além”, um artigo intitulado de: “*Não há nada melhor que liberdade*”, neste artigo Pontes abordar a respeito de termos o direito de ir e vir garantido na constituição federal, mas que acima de tudo é importante termos

O direito de pensar e exprimir o pensamento mormente para os jornalistas que só produzem enquanto não lhes for extirpado o direito sagrado, como destacamos a seguir: O Brasil, que tem acompanhada as densas oscilações da democracia e ditadura, sob os interesses de grupos políticos ou econômicos ainda não pode firma-se nos princípios sólidos de um amadurecimento político mais duradouro. Logo as divergências de opiniões criam atritos por vezes para se confraternizarem mais tarde com a mesma facilidade, para no primeiro aceno de novos interesses, voltar a luta dos antagonismos contraproducentes. (PONTES, 1961, p. 7)

Folheando com mais acuidade os cadernos referentes ao ano de 1961, encontramos um artigo que embora não faça menção ao comunismo, traz uma discussão pertinente aos dias atuais. Este foi publicado na Coluna: “Por este mundo Além”, escrita pelo colunista Pontes (1961), que nos oferece uma boa reflexão, como também contribui para que possamos mostrar ao leitor que, os jornais sempre trazem questões pertinentes aos debates realizados na sociedade. Manifestando assim que existem determinados assuntos que foram discutidos em Agosto de 1961, mas que a ameaça de um recrudescimento ainda se encontra latente.

Sempre ouvimos restrições nem sempre suaves, pois muitas vezes são aumentes e até mesmo torpes os senhores políticos, destacando no seu próprio ímpeto as figuras mais retardadas que acreditam ainda que a ditadura pode ser uma solução viável para nossos problemas, para no fim afirmar que todos calçam 40. A verdade é que nunca ouvimos tantas precauções, aumentam as decepções e o povo fica asfixiado não quero admitir mais delongas na solução dos problemas mais urgentes. Mesmo em relação ao presidente Jânio, que nesta altura ninguém mais pode duvidar da integridade e de seus propósitos, do seu arrojo administrativo, o povo se impacienta e acha que a gravidade dos problemas principalmente relacionados com o custo de vida, não admite mais que se espere. É necessário no entanto que se faça um ligeiro retrospecto e aprecie como foram feitos as administrações passadas e a maldita herança que ficou. (PONTES, 1961, p.7)

Utilizemos este artigo com objetivo de revelar ao leitor que boa parte dos trabalhos editoriais do DB, não estavam alheios aos principais acontecimentos que envolviam a política nacional e outros fatos. Neste artigo Pontes faz uma analogia da postura do então presidente Jânio Quadros com o governador da Paraíba Pedro Goldin, no que se refere a impaciência com que as pessoas tratam os governantes. Todavia, o colunista não culpa os eleitores, pois ressaltam que todo esse enleio da política brasileira, termina justificando certo mal-estar, na conclusão do artigo, Pontes destaca, que

O certo é que a demagogia contagiou a maioria dos nosso políticos, e o fato é que nós outros temos sidos vítimas e até podemos dizer que nunca nos saímos bem como os políticos de Maquiavel... é necessário portanto, que tenhamos muita paciência e se olharmos com a costumeira boa-fé teremos que concluir que, entre os políticos que nem todos calçamos 40, como afirma a sabedoria popular, pois alguns deles passam sim de 40, entre eles podemos destacar Goldin, que tem demonstrado grande interesse em resolver os males que vem assolando a nossa tão amada Paraíba.( PONTES, 1961, p.7)

Reafirmamos o propósito da utilização do artigo, no que concerne não realizar generalizações, por implicarem uma falta de comprometimento com a “verdade” e o direito à liberdade de pensamento, para com aqueles que fazem parte de qualquer grupo social. Desta forma fizemos a opção de utilizar alguns artigos e editoriais em forma de citações diretas e indiretas.

No artigo publicado no dia 15 de setembro de 1961, intitulado de “*O Caudilho do Mato Grosso*”, Chatô não poupou críticas ao do S.r. Jânio Quadros. Neste artigo ele afirmou não entender o porquê de tanta alvoroço para descobrir o motivo da renúncia, ele afirma que a explicação desse fato é tão simples quanto água corrente. Jânio não sabia governar com outros partidos, ele queria instalar um monopólio no Brasil:

Ele sucumbiu a mesma crise que Getúlio Vargas. O volume das soluções que tinham para todas as soluções do país, ai caiu fora, pois não comportava sócios. Estávamos diante de um monopolista. Infelizmente a constituição lhe dava o mais impertinente dos sócios solidários, a todo momento o presidente esquecido que entrará numa sociedade em nome do coletivo. A responsabilidade dos “outros sócios” era também ilimitada, mas ele queria ficar sozinho, ser dono de tudo e por tudo responsável. (Chateaubriand, 1961, p.5)

Podemos ressaltar que Chatô acusará Jânio Quadros de tentar seguir os passos de Getúlio, pois se comportará de modo semelhante. Assim como Getúlio, Jânio via o Congresso como uma camisa de forças, que a constituição havia lhes havia amarrado. Nas palavras do próprio Chatô, ele afirma “que Jânio tinha um propósito secreto, de chegar até a república sindicalista no tipo peronista, vivia assim mordido pelo veneno da democracia dirigida.

Com a renúncia de Jânio Quadro, as críticas aos “países comunistas” só se acentuavam em terras brasileiras, e o Diário da Borborema não cessou de reproduzir um vasto material a respeito. No dia 21 de Outubro de 1961, foi vinculado um editorial intitulado de “*Nenhuma nação pode ser neutra diante da ameaça comunista*”, neste o então s.r. Carlos Lacerda governador do estado da Guanabara e proprietário do jornal “A Tribuna da imprensa” do Rio de Janeiro, declarou guerra ao comunismo e disse ser de muita ingenuidade acreditar que o Comunismo só possa se fixar em países pobres e necessitados. Como exemplo desse “mal entendido” ele cita Cuba, como destacamos a seguir:

A respeito de ser pobre a situação de Cuba não era a pior da América Latina, julga-se inocentes aqueles que pensam que o comunismo carecem de uma maioria para apodera-se de um país e que se conseguem dispor da maioria. Pergunta-se os húngaros eles aprenderam e sabem agora(...) O que podemos e devemos fazer é não tomar partido por uma nação e sim por uma causa que

não é somente dos Estados Unidos, mas de todos que querem continuar livres.<sup>20</sup>

Com a saída de Jânio Quadros e a chegada de Goulart a presidência da república, a imprensa fez com que circulassem muitas dúvidas sobre a então renúncia e muitas desconfiças em torno de Goulart, desta maneira podemos perceber que muitíssimas vezes os editoriais do Diário da Borborema contribuíram ainda mais para essa celeuma. Em sua edição do dia 23 de outubro de 1961, o DB, trouxe na página 2, com uma letra chamativa o seguinte editorial “*Jânio aguardam repercussão popular da sua administração para poder retornar*”: Jânio só virá se houver um bom ambiente nos quadros partidários. Enquanto isso, revista-se nesta capital, o maior reduto janista que o entusiasmo em torno do ex presidente arrefeceu em virtude da renúncia que até hoje não se encontra devidamente explicada<sup>21</sup>

No editorial citado anteriormente podemos perceber que editores do DB, discursaram a respeito dos círculos partidários e do “burburinho” para saber se Jânio Quadros, retornaria ou não a desenvolver atividades políticas, pois até o presente momento as dúvidas não foram solucionadas, e Jânio havia perdido grande parte do apoio que havia conquistado anteriormente.

Com a chegada de João Goulart ao poder, as críticas em torno do regime comunista, ganharam maior proporção, e o Diário da Borborema se aproveitou desse momento para criticar ainda mais o regime cubano, através de um editorial que circulou no dia 27 de Outubro, intitulado de: “*A violência, corrupção e mentira, servem para disfarçar o fracasso do regime cubano imposto por Fidel Castro*” neste editorial as críticas são baseadas nos argumentos elencados por um enviado do governo brasileiro a Cuba, e este, concluir “O que reina em Cuba é a calamidade e na embaixada do Brasil tem 120 asilados, que afirmam que Cuba se tornou um verdadeiro inferno<sup>22</sup>”.

A respeito do ano de 1962, o Brasil parecia se encontrar em um momento de calma, segundo o Diário da Borborema. Pois, João Goulart, se encontrava no poder e as críticas e desconfiças em torno dele, aparentemente haviam sido dissolvidas, desta forma em nossa pesquisa não encontramos manchetes, editoriais e artigos que denotassem um viés anticomunista.

Enquanto isso o ano de 1963, não começou na calma do ano anterior, como podemos identificar no próprio Diário da Borborema, que destacou que na cidade de Campina

---

<sup>20</sup> Diário da Borborema, 21 de Outubro de 1961, p7.

<sup>21</sup> Diário da Borborema, 23 de Outubro de 1961, p.2.

<sup>22</sup> - Sem mais delongas a demonização do comunismo já estavam sendo construída no Brasil, desde do início da década de 60, mas esse cenário veio se gravar de fato em 1962-1964.

Grande o medo vermelho foi erradicado<sup>23</sup> na própria eleição municipal de 1963, com a cassação do registro de candidatura de José Pereira, que também era conhecido na cidade como “Peba” e o registro do seu vice Manoel Monteiro. O argumento utilizado para realização do feito, foi nada mais que serem filiados ao Partido Socialista Brasileiro, logo assim eram constantemente taxados de “comunistas” ou desviantes da sociedade.

Durante a catalogação do material, encontramos inúmeros artigos no acervo do Diário da Borborema, e entre eles este foi um dos mais impactantes neste meio de comunicação. Neste Chatô, falou abertamente o que lhe incomodou no pronunciamento do S.r. João Goulart acerca das tão aclamadas reformas de base: o artigo foi intitulado de: “*Um Possesso do Demônio Vermelho*: No qual Chatô dispara. (...) Até aqui falava o chefe de um governo responsável, um político cuja as dimensões se mediam de dentro do quadro da legalidade. O presidente Goulart fazia muita demagogia pueril. Dizia está a verdade, muitas expressões de insônia que se levavam por conta de um esquerdismo de pacotilha infiltrado nos seus discursos, pampolegas irresponsáveis. Agora, porém muda de figura. Surge de corpo inteiro, como personagem extralegal. Não é o Caudilho. Será coisa, muito pior”.

Logo no início do artigo Chatô dispara que João Goulart é muito pior se comparado a Jânio Quadros, no artigo que foi utilizado anteriormente na elaboração deste trabalho, observamos e problematizamos as duras críticas tecidas ao ex presidente da república. As críticas foram ferrenhas, e neste artigo o S.r. Chatebriaund chama o atual presidente de “posseço demônio vermelho”, denotando assim uma postura completamente anticomunista, e é a partir de matérias como essas, que as representações em torno do comunismo, vão sendo construídas, como destacamos na citação a seguir:

Nem o capitão Luiz Carlos Prestes se utiliza de linguagem do subúrbio moscovita com mais adequação... Pego sentenças soltas de uma paspalhice nacional, os princípios de fé se perderam. E, por ai segue-se um rol de sentença que outra causa não são senão manifestações do Fidelismo na capadoçagem sindicalista. Por fim, traz o senhor João Goulart uma solidariedade insofismável ao movimento que responde pela derrocada das instituições vigentes... Por fim a reforma agrária dos Comunistas, endossada pelo presidente Goulart é uma perfeita estultícia... Se o Sr. João Goulart não estivesse por conta dos soviets de pelegas e quisesse de fato começar a transformação rural do Brasil. Seria suficiente expelir da Alvaroda a Corja Vermelha e entrega-se aos chefes fabulosos daquelas duas organizações. A terra não pode ser conquistada com golpes de malandros, e com o investimento econômico- social que reage bravamente, aos processos de aventureirismo descarado, como este que o presidente Goulart se constitui o Paladino. (Chateaubriand, 1963, p.4).

---

<sup>23</sup> Nesse contexto, a palavra erradicado, foi utilizada na tentativa de demonstrar a vontade de se arrancar todo e qualquer ideia ligada ao comunismo.

Neste artigo veiculado no Diário da Borborema, podemos perceber a existência de alguns argumentos que foram inseridos no texto e que são utilizados com o objetivo de mostrar a população o perigo que o comunismo poderia representar para o povo brasileiro. Nosso objetivo é realizarmos uma breve problematização em torno do poder exercido por tal periódico, levando em consideração, o público que lia o jornal e as representações que foram sendo fabricadas a partir do processo de disseminação de ideias.

O Diário da Borborema muito contribuiu para a construção de representações anticomunistas em terras campinenses. Pois sempre utilizavam como justificativa a proteção dos princípios democráticos. Para evidenciar essa questão em torno das representações utilizaremos Roger Chartier, para mostrar o que as representações podem causar no imaginário coletivo.

Devemos propor uma investigação de como as práticas e as representações são construídas, buscando perceber estas últimas elaborações que os grupos fazem sobre suas práticas. Para esse historiador “As representações remetem classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepções e de apreciação do real”, e são sempre marcadas pelos interesses dos grupos que as forjam. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Assim podemos compreender que os grupos que são responsáveis por forjarem esses tipos de discursos, são os grupos com amplas tendências comunistas, como é o caso do grupo, vinculado ao Diário da Borborema. Segundo Chartier “as representações, portanto, podem fazer ver e crer no ausente, e esse poder de evocação tem efeitos de mobilização” portanto através de determinados discursos, é possível mobilizar uma multidão em prol de combater algo que nem existe, ou que existe de modo simplório, por isso devemos ser cautelosos na utilização de periódicos como fontes historiográficas.

Segundo Chartier (2002) podemos afirmar que, “o campo das representações, portanto, pode incluir as formas de pensar, sentir e agir, transformando-se em máquina de fabricar respeito e submissão”. Justamente por esse motivo se torna tão importante que através dos jornais possamos “identificar” o modo e como, em diferentes lugares e momentos históricos a realidade social pode ser construída, pensada e ressignificada de várias maneiras. Trabalhando tal conceito de representações, podemos compreender que na maioria das vezes as matérias veiculadas no Diário da Borborema, atendem inúmeras demandas, entre elas os interesses de agentes ligados a grupos sociais, que nesse caso, buscavam combater de maneira constante o comunismo.

No dia 24 de fevereiro de 1964 o Diário da Borborema trouxe em sua edição um artigo que gerou muitos comentários, pois tinha um “título delicado de ser problematizado”,

pois se tratava de falar da moral do clero que ele complementou gentilmente de “insuficiência mental” para defini-los, segundo seu entendimento. Neste artigo Chatô, discursavam a respeito de uma visita que haviam feito ao Nordeste brasileiro, na qual ele ficou aterrorizado com o comunismo e o marxismo que haviam sido instalado nas igrejas. Para melhor expressar o que percebeu na viagem, ele publicou um artigo intitulado de: *A insuficiência mental e moral da parte do clero que apoia Fidel*.

Não tenho clemência com os pregadores marxistas, sejam eles culposos sem malícia, por estupidez ou com malícia para servir a um credo político ímpio, portanto incompatível com os princípios de sua religião. Se o membro de sua igreja tem ligações com Marx.(...) A vossa igreja conduz-se com uma lentidão exasperante no emprego drástico dos mais repressivos ou simples da polícia. Os padres vermelhos, vários deles estão municiados de preias e estações de rádio que Juscelino lhes deu de mão beijada. Tem convenio com os marxistas que são agentes de Fidel Castro. Em subvencionados gordamente pelo ex ministro da educação e continuam a ser pagos pelo governo de Cuba. (Chateaubriand, 1964, p.4)

No texto acima passagem conseguimos destacar o repúdio, que o posicionamento anticomunista produziu nas pessoas, no caso do artigo refiro-me ao autor, mais sabemos que terceiros também reproduzem comportamento semelhante pois passam a colocar os marxistas, lenistas cubanos, todos em uma mesma categoria, deixando de levar em conta características particulares de cada corrente, aliás na visão do próprio Chatô, todos estão no mesmo patamar e argumenta que todos devem ser combatidos de modo ímpio, pois estão traindo a própria democracia, e o próprio sistema governamental, uma vez que mantém o contato com Cuba, e são supostamente pagos por Fidel, para que assim possam instalar o comunismo dentro das igrejas, dos mais diversos credos religiosos.

Especificamente no dia 1 de abril o Diário da Borborema, não publicou nenhuma notícia de maior relevância sobre o golpe civil militar, com exceção<sup>24</sup> de uma pequena reportagem que discorriam “sobre o clima de instabilidade no Brasil, que já fora vivenciado em outros países comunistas. Portanto, fiquemos vigilantes, para que a nossa pátria, não caia na escuridão de tais países, é preciso que lutemos, por nossos direitos”.

A posição do Diário da Borborema é indiscutivelmente anticomunista, levando em consideração todo material aqui abordado. Entre esse material, podemos citar uma notícia com o seguinte tema: *A comunização do ensino em Curitiba*, “Onde 30 mil pessoas entre estudantes e pais de alunos e estudantes de todas as classes sócias, participaram apesar da chuva que caía

---

<sup>24</sup> -Diário da Borborema, 31/03/1964, o jornal publicou apenas uma pequena nota na folha 5 do periódico, pedindo para que os brasileiros ficassem em constante vigilância, para que o poder não caísse nas mãos dos comunistas, levando em consideração o clima que já fora vivenciado em outros países comunistas.

sobre a cidade paranaense, da passeata contra a comunização do ensino, que tinham como principal objetivo de impedir encampação das escolas particulares pelo governo federal”. Notícias como estas reforçam todas as discussões realizadas nos parágrafos anteriores, e depois do golpe, Chatô escreveu um artigo que confirma uma suposta verdade sobre o golpe de 1964, intitulado de: *Era tudo verdade*<sup>25</sup>

As revelações que vem sendo feitas a respeito dos preparativos para uma monstruosa insurreição no país, com todas as características de uma revolução comunista, não estar surpreendido senão aqueles inocentes uteis que venham compactando com os extremistas sob os mais variedades pretextos. Os verdadeiros democratas aqueles que sabem que a democracia não é um sistema de governos em autoridade, mas ao contrário deve basear sua autoridade no próprio povo e nos seus mais legítimos interesses, viviam estarecidos diante da onda de irresponsabilidade, de quebra consciente e voluntaria da disciplina em todos os sentidos, que era nota dominante no governo do senhor João Goulart. (CHATEAUBRIAND, 1964. p.7)

Na citação, podemos perceber que Assis Chateaubriand deixa muito claro que a queda de Goulart, não é nenhuma surpresa, pois há tempos que os brasileiros, inclusive ele, percebiam essa onda de irresponsabilidade que assolavam o Brasil, e que nos últimos meses João Goulart, já davam provas de que não era um presidente de confiança, pois constantemente saia matérias na imprensa apontando para uma possível aliança do seu governo com países comunistas. Ainda no mesmo artigo ele ressalta que

Os núcleos extremistas preparavam se para a Revolução Armada. Armas e munições tem sido apreendidas em vários lugares (inclusive ainda há créditos de informações na imprensa sulina) em dependência da Supra em Brasília. No mesmo passo, agitadores de outros países como a China Vermelha e Cuba, estavam trabalhando em nosso país acobertados pelo próprio governo que protegia e prestigiava de todas as formas os agrupamentos subversivos de todos os quilates. Agora todos estão vendo o perigo em que nos encontrávamos. Muita coisa ainda será revelada e então os brasileiros aprenderão que as táticas comunistas hoje como ontem. Aqui com olhares são sempre as mesmas, o enfraquecimento da autoridade e a desmoralização da democracia, causando assim confusão de espíritos, tudo isso com preparação para o assalto ao poder. (CHATEAUBRIAND, 1964.p.7).

Essas notícias sobre o “suposto golpe” que estavam sendo preparado não era unanimidade do Diário da Borborema, pois muitos outros jornas noticiaram notícias semelhantes, como podemos observar no livro: *A esquerda e o golpe de 64*, escrito por Denis de Moraes(2011). Em um tópico intitulado de: Quem eram os democratas o autor discute as tensas relações com os grupos ligados “a grande imprensa”, pois todos tinham um posicionamento que ia contra ou a favor do presidente, como podemos observar:

---

<sup>25</sup> - Diário da Borborema, 05/04/1964, nessa matéria o diretor do jornal fala sobre uma suposta verdade que estaria vinculada ao golpe de 1964, intitulada de: Era tudo verdade.

Os meios de comunicação tornaram-se um front privilegiado para atacar o inimigo. Com poucas exceções, os veículos funcionavam como correias de transmissão da máquina da propaganda anticomunista e antijanguista. Isto é ao se apresentarem o real social, atuavam nos conflitos e tomavam partido claramente. Realizavam, assim, o que Muniz Sodré<sup>26</sup> chama de “duplicações da história”: a mídia reprocessa os fatos sob a forma de notícias tecendo um real específico do código jornalístico, capaz de gerar efeitos de poder. (MORAES, 2011, p.137)

Os debates realizados em torno dos grupos ligados a imprensa sempre estiveram presentes na história brasileira, nos fazendo lembrar das múltiplas intencionalidades contidas nas notícias jornalísticas, pois cada público recebe a notícia de um modo diferente, e quando essa notícia é transmitida por terceiros as chances de sofrerem deformações é ainda maior. Cada editorial é reflexo do posicionamento de um grupo vinculado a um meio de comunicação, portanto seria de muita ingenuidade pensarmos que as notícias que nos chegam todos os dias, trazem a “verdade” dos fatos, e que são imparciais.

Como já foi discutido neste trabalho, a imprensa exerceu um grande poder sobre a sociedade, e na atualidade continua exercendo, pois através de seus discursos emoldurados e cristalizados nas páginas de jornais, se torna possível, que as pessoas possam depositar confiança e credibilidade para a concretização de determinados acontecimentos. Na história temos inúmeros exemplos que comprovem esse fato, mas nos deteremos em um fato específico, fato esse que ocorreu na cidade de Campina Grande que está localizada a 120 quilômetros da capital João Pessoa, essa cidade ocupa uma posição privilegiada, pois fica entre Sertão e o Litoral, tal posicionamento geográfico é muito importante para seu desenvolvimento econômico e cultural.

### **2.3- O golpe que foi silenciado por uma festa**

A década de 60 do século XX, foi muito importante para a projeção da cidade no cenário estadual, pois o centenário da Rainha da Borborema ocorrerá no ano de 1964, uma data que foi muitíssimo preparada por políticos e a mídia local muito contribuir para tal projeção. No Diário da Borborema não faltavam colunas, manchetes, reportagens e editorias que anunciassem o tão esperado centenário. É justamente nesse momento, que realizamos o exercício de analisar os poderes que os periódicos tem de emoldurar discursos e cristalizar fotografias no imaginário social.

---

<sup>26</sup> Citado no livro A esquerda e o golpe de 64, do jornalista, Denis de Moraes. 3.ed, São Paulo, Expressão Popular, 2011

Devido a proeminência do destino o centenário da cidade foi bem mais noticiado que o “golpe”. Destacamos o seguinte detalhe, o aniversário da cidade só seria comemorada no dia 13 de outubro do mesmo ano, evidentemente que para conter as notícias sobre o real estado que o país se encontrava, os jornais anteciparam as comemorações, fazendo com que a população ficassem vislumbrada com a grandeza da festa que se aproximavam

Pois enquanto as pessoas estavam ansiosas com os preparativos da festa, elas esqueciam o que estavam acontecendo no país. Consequentemente é por isso que discutimos sobre o poder que a mídia exerce, na condição de nos fazer pensar em assuntos que não tem e nem merecem tanta atenção, desta forma a mídia fez com que o centenário da cidade se tornasse o evento do ano, pois nele estariam todas as classes sociais. Como podemos observar as notícias que circularam pós centenário:

As autoridades juntaram-se os malandros, comerciantes, prostitutas, jornalistas, bêbados, padres, jogadores de baralho e brilha, jovens colegiais. Grandes damas da sociedade, bicheiros, playboys, poetas, comerciários, artistas, vendedores ambulantes, associações beneficentes, membros da Maçonaria, do Rotary, do Lions, da casa da Amizade e dos clubes Sociais, além, é claro, dos loucos, vadios, e todos outros desocupados que circulavam cotidianamente pela cidade. Sem mencionar o fato de que compareceram várias autoridade de outras cidades paraibanas e até mesmo estados vizinhos como Pernambuco. (SOUZA,2004, p.4)

Segundo Souza, a festa do centenário foi a festa que reuniu “toda a cidade”, e neste dia todos tiveram o direito de comemorar o centenário da “Rainha da Borborema”, independente da classe social, sem dúvidas foi a “festa mais democrática que já ocorreu nestas terras”, e o Diário da Borborema, evidentemente noticiou toda a consagração desta festa. A respeito deste evento a historiografia paraibana já produziu alguns trabalhos dedicados a festa do centenário.<sup>27</sup>

Para finalizarmos nossa pesquisa no acervo do Diário da Borborema, é importante ressaltarmos que consideramos satisfatório o material encontrado no jornal, levando em consideração que, conseguimos encontrar matérias que confirmaram o alinhamento anticomunista do periódico, que pertencia a rede dos Diários Associados. Entretanto não devemos pensar que todos os jornais que faziam parte da rede, seguiam a mesma postura anticomunista, alguns periódicos “vinculavam um discurso mais moderado”.

---

<sup>27</sup> A respeito do centenário de Campina Grande, podemos destacar o artigo de Antônio Clarindo de Souza, apresentado na ANPUNH de 2004, intitulado de: A festa do centenário de Campina Grande ou a criação de uma identidade coletiva. Destacamos também a dissertação defendida em 2014 de autoria de Joabe Barbosa Aguiar, intitulada de: Uma festa para Rainha da Borborema: O centenário de Campina Grande (1960-1964).

Para destacarmos esses pontos de vistas diferentes em uma mesma rede de jornais, utilizaremos Castro e Ferreira (2014) com objetivo de ressaltar a afirmação realizada no parágrafo anterior. Devemos destacar o porquê da utilização dos jornais para avaliar um tema tão complexo como o anticomunismo nos jornais paraibanos, evidentemente que não devemos dissociar esse conteúdo do que aconteceu no restante do país, como destacamos a seguir:

Sobre a situação da imprensa brasileira, podemos destacar que a situação era bem mais complexa, mesmo para os profissionais experimentados, como os jornalistas das principais folhas do país. Observar esse fato é importante, pois é um indicador valioso para se dimensionar o grau de incerteza política que até então se vivia, e que pode ser ilustrado pelas dificuldades para se estabelecer uma diretriz editorial firme em importantes periódicos do país. (GOMES E FERREIRA, 2014, p. 243)

A citação utilizada no parágrafo anterior, serve para mostrar a fragilidade do período que a política brasileira atravessava no momento pré golpe de 1964. Nos dando assim direcionamento para melhor elaborarmos nossa discussão, já que fizemos a opção de trabalhar com dois periódicos completamente diferentes, um alinhado no combate ao comunismo, e outro que pouco se pronunciavam a respeito da ameaça vermelha.

Nos deparamos com muitas interpretações diferentes acerca do papel da imprensa, e constantemente produzimos muito a respeito desta dualidade, muitas vezes sem levar em conta as oscilações existentes em diversos setores da sociedade civil, esquecendo que, assim como os meios de comunicação a sociedade também é responsável por difundir pensamentos conservadores e retrógrados, pretendo discutir essa questão mais profundamente na conclusão deste trabalho.

Em decorrência dessas querelas em torno da imprensa brasileira na década de 60. Abriremos um parêntese para falar sobre as diferentes oscilações da imprensa em periódicos ligados ao mesmo grupo, neste caso o Diários Associados, para tal contextualização usaremos o Diário da Borborema que faz parte da nossa pesquisa e o periódico citado por Gomes e Ferreira(2014). O Diário da Noite, que tinha uma posição mais “equilibrada” se comparado a outros da mesma rede, este jornal era publicado em São Paulo e constantemente dava destaque aos pronunciamentos de Carlos Lacerda e Ademar Barros, criticando também a esquerdização dos movimentos sindicais e descontrolo inflacionário.

Entretanto segundo Gomes e Ferreira (2014), não se encontra nas páginas desse periódico, durante quase todo governo de João Goulart, campanhas contra o presidente, muito menos sobre ameaças comunistas, como podemos observar atentamente nas páginas do Diário da Borborema. Para maior compreensão do que era vinculado no periódico O Diário da Noite, destacaremos o editorial utilizado no livro *1964*:

Os eternos intranquilizadores da opinião pública não desistiram, ainda de seus propósitos de criar no país um clima psicológico de inquietação(...) No Rio Grande, o s.r. Ildo Meneghetti fala em golpe. Em São Paulo, o Ademar Barros repete o mesmo refrão. (...) O golpe só existe na fantasia de certos políticos. Para assegurar a tranquilidade ao país as Forças Armadas estão vigilantes (...) Não haverá golpe algum e o primeiro aventureiro que puser a cabeça de fora será esmagado pela ação imediata e pronta das forças militares. O que se precisa é enfrentar com decisão as dificuldades que nos afligem. E isso é o papel do governo. Que o governo cumpra o seu dever e governe. (O Diário da Noite, São Paulo, 7 de janeiro de 1964, p. 2<sup>28</sup>)

Construir um trabalho acadêmico com material oriundo de periódicos é um trabalho que exige muito cuidado na manipulação e visualização de tudo que se insere nos textos jornalísticos, pois qualquer desatenção ou olhar simplório nos permite ocultar questões importantes para análises parciais ou imparciais de uma suposta conclusão sobre assuntos que por algum motivo se tronaram importantes na sociedade brasileira. Nesta pesquisa tivemos a oportunidade de visualizar pontos divergentes sobre o comunismo em terras paraibanos, e é justamente por isso que explicamos a utilização de alguns editoriais utilizados no livro 1964.

Para finalizar as análises realizadas no Diário da Borborema, destacamos a importância de discutir temas tão pertinentes aos nossos momentos históricos, falar de discursos anticomunistas, autoritarismo e ditadura é falar em temas que não cessam em alimentar o imaginário social brasileiro e especificadamente paraibano. Como já ressaltou Gomes e Ferreira “Viver a experiência do autoritarismo marcou gerações e precisa ser alvo de reflexões permanentes”. (GOMES E FERREIRA, 2014, p. 89)

E esses autoritarismos se manifestaram nos mais diversos segmentos da sociedade, e a imprensa teve papel fundamental na disseminação desses “autoritarismos” mesmo que em alguns momentos a imprensa também tenham sofrido retaliações do mesmo agente. Passados exatos 53 anos e com um maior distanciamento do evento podemos analisar de modo mais cuidadoso, os elementos que construíram a narrativa em 1964, na maioria dos trabalhos construídos após o golpe, podemos ressaltar que muitos dos discursos utilizados para justificar o golpe estavam alicerçados no medo de que a propriedade privada pudesse ser aniquilada de algum modo.

As visitas ao acervo do jornal Correio da Paraíba, começaram em Março de 2016 a Junho do mesmo ano, por este acervo se encontrar na capital paraibana o número de visitas realizadas foram menores, se comparadas ao acervo do Diário da Borborema. A trajetória deste

---

<sup>28</sup>- Citado no capítulo: O longo Março de 1964 do livro: 1964: O golpe que derrubou o presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Jorge Ferreira, Ângela de Castro Gomes. 1 edição- Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2014.

periódico é de longevidade e sucesso, criado no ano 1953 este periódico foi ganhando espaço na capital paraibana, e conseqüentemente se tornando o maior e mais lido periódico paraibano, liderando o mercado editorial impresso, com uma tiragem diária de 75 de participação na cidades paraibanas.

Diferentemente do acervo do Diário da Borborema, que se encontra sob os cuidados da Universidade Estadual da Paraíba na cidade de Campina Grande sendo um acervo público e de fácil acesso a comunidade de pesquisadores, este é um acervo particular e é mantido no mesmo prédio do sistema correio de comunicação, o material encontrado neste acervo se encontra em bom estado de conservação, facilitando assim o trabalho de manipulação e catalogação do material.

## **2.4- Dilemas de um historiador**

Durante a realização da pesquisa tivemos a oportunidade de observar um pouco da história que se encontra nas múltiplas páginas daquele periódico, algumas manchas amareladas, folhas dobradas e algumas rabiscos que nem sempre é possível compreender, sinais do tempo deixadas por outros pesquisadores que ali trabalharam e deixaram pra trás, alguns vestígios daqueles que se propuseram a elaborar outras representações sobre o passado. Portanto é sobre este material que me proponho a criar a minha versão e representação de fatos que aconteceram na década de 60.

Olhando com cuidado esses cadernos, identificamos as representações de um passado que chega até nós por imagens escuras e desbotadas, que exigem certa paciência em determinar o que realmente se encontra ali, pois inúmeras vezes olhamos para determinada página do jornal e não conseguimos ver o que de fato se encontra ali aos nossos olhos, as vezes por falta de cuidado, as vezes por falta de compreensão, fazendo-nos questionar o motivo de tantos outras questões não estarem presentes nas folhas do periódico.

A sensação descrita no parágrafo anterior muito nos acompanhou durante as visitas ao acervo do jornal Correio da Paraíba, por um simples motivo não encontramos quase nada a respeito da pesquisa, e esse sentimento é desolador para qualquer pesquisador, entretanto sei que ele não é único e sim de muitos pesquisadores que se aventuram nos arquivos mundiais. Foram inúmeras vezes que nos deparamos com reportagens e editoriais que não nos diziam absolutamente nada, eram conteúdos repetitivos que não se aproximavam em nada da realidade vivenciada nas

terras paraibanas, tal periódico muitas vezes pareciam estar localizado na região Norte ou Sudeste do país, pois não ofereciam boas reportagens que nos incentivasse a continuar o árduo trabalho.

Nas folhas do jornal Correio da Paraíba, existia colunas, manchetes e artigos de opiniões que discursavam o que acontecia em terras brasileiras, mas não exatamente aquilo que procurávamos para dar consistência a pesquisa, então nos propomos a observar com mais acuidade o que tanto esse jornal desejavam transmitir a sociedade paraibana. Decidimos então começar observando quais acontecimentos foram mais constantes nas páginas do periódico, este jornal estava situado na capital, e deste modo era comum que ele noticiassem tudo que acontecia na recanto paraibano, mantendo assim as demais cidades atualizadas com seus principais eventos.

Entre as inúmeros eventos estampados nas páginas deste jornal podemos destacar as chamadas para os tão aclamados concursos de beleza, festas nos clubes da capital, e um ou outro evento no campo da política, como convenções partidárias, estes eram permanentes nos cadernos analisados. Todavia não faltavam espaço para as propagandas de eletrodomésticos, remédios milagrosos, que curavam desde de males físicos a males da alma.

## 2.5- O Anticomunismo Dissimulado

Como já foi mencionado no tópico anterior, não foi tarefa fácil encontrar matérias que alinhasse o jornal a qualquer postura anticomunista, entretanto algumas vezes nos deparamos com algumas matérias que falavam do comunismo em terras distantes ou melhor na ilha cubana. Em uma destes cadernos pudemos observar uma editorial que denunciavam uma suposta relação diplomática que o general Fidel Castro tinham com o então presidente do Brasil Jânio Quadros, tal editorial foi publicado no dia 01 de janeiro de 1961, e neste o corpo editorial comentavam a respeito de *“Uma suposta visita que Fidel Castro faria ao Brasil, no momento em que viesse assistir à posse do então presidente da república o S.r. Jânio no Brasil”*<sup>29</sup>.

Neste editorial, tivemos a oportunidade de vislumbrar um das poucas vezes que o jornal demonstravam interesse em comentar algum fato da política brasileira. Neste caso os editores escreveram abertamente que, não seria bom para o Brasil se aliar ou mantém qualquer tipo de relação diplomática com Cuba, alertando assim os brasileiros para que ficassem

---

<sup>29</sup> Correio da Paraíba, 01 de janeiro de 1961. Neste dia especificadamente tivemos a oportunidade de analisar o corpo editorial se manifestando contra essa suposta amizade entre o presidente cubano e o então senhor Jânio Quadros.

vigilantes contra algo que pudessem futuramente complicar a situação do país diante os Estados Unidos.

Em sua maioria as opiniões veiculadas, se referia à manchetes e artigos, que atuavam em torno da recepção de fatos nacionais, entre eles podemos destacar: As idas e vindas na presidência da república. Ameaças do nazismo em terras brasileiras. Um suposto interesse dos Estados Unidos no desenvolvimento do Brasil. Alguns pedidos de impeachment. O mais revelador seria a constante repetição de que existia uma suposta relação de Jânio com Fidel Castro, que posteriormente poderia ser reconhecida como aliança a favor do comunismo. Aconteceram inúmeros eventos no Brasil durante a década de 60, desta forma se torna quase impossível descreve-los em forma de narrativa.

No dia 18 de janeiro de 1961, o jornal fez circular uma matéria na qual acusavam o então presidente Jânio Quadros de manter relações “amigáveis” com o general Fidel Castro. A matéria foi intitulada de “*Jânio não fará um governo medíocre: diz seu amigo Fidel*”<sup>30</sup> Segundo o discurso elaborada pela imprensa paraibana, o senhor Jânio não só tinham uma aliança amigável com o presidente cubano, como tinham também pretensões de realizar alianças para maior desenvolvimento da América, e esse tipo de discurso é apenas um de alguns que foram capturados por nossas lentes historiográficas, que traziam muitas notícias do cenário político, nacional e internacional.

Com a renúncia de Jânio Quadros, o Correio da Paraíba não tardou em reproduzir os grandes fatos que assolavam a política nacional, usando de reportagens que demonstrassem ao povo paraibano que Jânio foi traído pelo sistema que ele jurava ser aliado, o comunismo e seus compassadas comunas não deram o apoio que ele sonhavam. No dia 6 de abril de 1962 o jornal Correio da Paraíba circulou a seguinte matéria: “*Somos todos pela autodeterminação dos povos contra o comunismo*”. Com esta publicação o jornal tinha como objetivo convencer a sociedade de que todos estavam unidos lutando contra o maior inimigo da nação, o comunismo.

Entretanto podemos ainda visualizar neste periódico, uma certa “missão” que seria retratar sempre o que os donos do poder pensavam sobre a atual crise política que o Brasil vinham atravessado desde do início da década de 60. E mesmo renunciando ao seu mandato Jânio Quadros fez um apelo a nação, nesta matéria que circulou no dia 8 de abril de 1962, intitulada de: “*A eclosão de uma nova crise militar, e Jânio faz um apelo, para que a população não desista do Brasil*”, nesta podemos perceber que ainda não estavam muito esclarecido o motivo de sua saída, mas a mensagem era não desista da nação brasileira.

---

<sup>30</sup> Correio da Paraíba, 18/01/1961. Mais uma vez, o periódico fazia referência ao general Fidel Castro e sua “relação diplomática”, que não era bem vista, pela ala conservadora brasileira.

Segundo a pesquisa desenvolvida acerca deste período no jornal Correio da Paraíba, podemos observar resquícios da década de 1950, e não podemos de modo algum negligenciar o fato de que ela foi marcada por grandes transições na sociedade brasileira, com destaque para a região nordeste e especificadamente paraibana, estas transformações aconteceram no campo econômico, social e político e todas elas obtiveram repercussões significativas nos diferentes níveis federativos.

É nesse contexto de mudanças que nasce e se consolida o movimento das ligas camponesas<sup>31</sup>, que na Paraíba tinham como líder João Pedro Teixeira. No ano de 1962, o assunto mais recorrente nas páginas do jornal Correio da Paraíba, foram notícias sobre as ligas camponesas, com destaque para atuação desenvolvida na cidade de Sapé.

Consequentemente essas notícias só vieram ser noticiadas com mais frequência quando no dia 2 de abril deste ano o líder camponês José Pedro Teixeira viajavam para a capital paraibana para resolver uma ação de despejo e na volta para Sapé foi brutalmente assassinado. Afinal que era esse cidadão que por meses, foi capa principal nas folhas do periódico? João Pedro Teixeira não era um simples cidadão, era antes disso um ativo militante das causas camponesas, era muito conhecido por jamais se curvar ao poder latifundiário.

A partir deste data, basicamente todos os dias o jornal Correio da Paraíba, trazia em suas páginas notícias sobre a atuação das ligas, investigações sobre o assassinato e o clamor dos camponeses por justiça, tal acontecimento teve grande repercussão nacional e acabou acirrando ainda mais as lutas no campo, não apenas Paraíba, mas em outros estados como Pernambuco, as Ligas Camponesas foram como que um grito de alerta e de protesto que atraiu a atenção do mundo para Nordeste.

Segundo o Diário de Pernambuco,<sup>32</sup> as Ligas Camponesas trouxeram a atenção do mundo e seus núcleos mais expressivos visitas ilustres, como Robert Kennedy, Jean-Paul Sartre e Iuri Gagarin. A televisão e a imprensa, em diversos países do mundo, transformaram Julião<sup>33</sup> e as Ligas em símbolo do Terceiro Mundo emergente. Nessa época, as aproximações de Julião com Cuba foram notórias, especialmente após viagem que realizou àquele país em 1960, acompanhando Jânio Quadros, e em 1961, seguido por uma centena de militantes.

---

<sup>31</sup> As Ligas Camponesas foram associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do Brasil, que exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964.

<sup>32</sup> Citado no blog: Curiosamente escrito por Paulo Trigueiro, no qual ele cita as dez visitas mais ilustres que Pernambuco já recebeu em toda sua história.

<sup>33</sup> Francisco Julião ficou popularmente conhecido por sua atuação junto as Ligas camponesas.

Dessa maneira podemos compreender que, muitas das matérias veiculadas em periódicos como o Correio da Paraíba, servia para manifestar uma postura mais imparcial do periódico, visto que noticiava “quase tudo” que era notícia no cenário nacional. O que compreendemos de fato neste periódico, é a total indiferença com os fatos que acontecia na política paraibana. Portanto, podemos afirmar que a postura do periódico mencionado anteriormente, trouxe singelas contribuições se comparado ao Diário da Borborema.

Um dos fatos que mais impressionou durante as visitas ao arquivo do jornal Correio da Paraíba, foi a capacidade que o veículo de comunicação tinham de “meramente reproduzir o que ocorria no “cenário nacional”, pois esse periódico estava situado na Paraíba, entretanto não noticiava quase nada sobre o estado, o que se falava sobre política, era em sua maioria em nível nacional, são raras as vezes, que observamos matérias com assuntos sobre a política paraibana.

## Considerações Finais

Esse trabalho buscou analisar o anticomunismo em jornais paraibanos, sendo eles, Diário da Borborema e Correio da Paraíba, enfatizando conteúdos que tivessem teor anticomunistas no período de 1960-1964, nesses espaços discursivos foi possível analisar as representações que foram criadas em torno da recusa do projeto comunista, fortalecendo assim, a criação de grupos anticomunistas. Como palavras finais, ressalto que essa reflexão sobre o anticomunismo em periódicos paraibanos foi muito importante para que pudéssemos transitar em campos da História Política que ainda não receberam a devida atenção por parte da academia.

O anticomunismo foi sendo alimentado nos mais diversos setores da sociedade paraibana, mesmo em lugares mais distantes dos centros urbanos, a palavra era disseminada, na Igreja Católica, com certa frequência, e quem não ouvia a palavra durante as missas e pregações, a ouviam pelas conversas realizadas nas ruas, ou ainda através da mídia, neste caso, podemos ressaltar que em alguns lugares mais remotos, o jornal não chegavam com tanta frequência, logo assim, essa tarefa, ficavam para o rádio, que através dos programas diários informavam a população dos perigos do comunismo.

É importante compreendermos que as “campanhas anticomunistas” não aconteceram em décadas isoladas, pois como observamos ao longo do trabalho, elas remontam a um período, anterior a revolução de 1817. Desta forma o imaginário social nunca cessou de produzir representações sobre o tão temido inimigo, como assegurou Rodeghero o diabo se tornou político e partidário, e não é raro encontrar na internet, esse tipo de representação.

Portanto, as análises, realizadas a partir dos referenciais teóricos e periódicos, nos levaram a perceber as singularidades de cada acontecimento, fosse ele na Paraíba ou em outros lugares, pois esses nos serviram para auxiliar no processo de compreensão de um tema, tão complexo e pouco explorado pela historiografia brasileira. Desta forma consideramos que maior parte dos objetivos foram alcançados ao longo desse trabalho, ficando assim para um outro momento a ampliação de tal estudo.

## Referências Bibliográficas

ADILSON FILHO, José. **O espectro vermelho: Cultura política e representações anticomunistas em jornais do agreste pernambucano (1950-1960)**. Semana Nacional de História Política. UFRJ, 2015.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução francesa da historiografia**; tradução de Nilo Odalia- 2 ed. São Paulo: UNESP, 2010.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula 2. ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós modernidade**. 1 ed. Zahar, 1999.

BACELLAR, Carlos. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e significados de política**. Tradução de Marco Aurélio. São Paulo. Universidade Estadual Paulista, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: Entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

CHARTIER, Roger. **A história ou a Leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte. Autentica. 2010.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAPELATO, Maria Helena. PRADO, Maria L. **O Bravo Matutino**. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. **Ameaça vermelha: O imaginário anticomunista na Paraíba (1917-1937)**, Recife, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução: Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio 17 ed. São Paulo, Edições Loyola. 2008.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In: LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LUCA, Tania Regina de: **“Fontes Impressas: História por meio dos periódicos”**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Luciano Cavini Martorano. São Paulo. Martin Claret, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo Vermelho”, o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MALATIAN, Teresa. **O “perigo vermelho” e o catolicismo no Brasil**. In: MALATIAN, Teresa LEME, Marisa Saenz; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs.). As múltiplas dimensões da política e da narrativa. Franca: UNESP, 2003, pp. 173-183.

MENDONÇA, Luciano Lima. **História e poder nas páginas de um jornal, (1961-2011)**. UFCG, 2011.

MORAIS, Fernando. **Chatô: O rei do Brasil**. Companhia das Letras, 1994.

MORAES, Dênis de. **A esquerda e o golpe de 64**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: Imaginário Anticomunista e igreja católica no Rio Grande do Sul, 1945-1964**. EDIUPF, Universidade de Passo Fundo, 1998.

RODEGHERO, Carla Simone. **Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à constituição de 1988**. 1.ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2014.

Souza, Clarindo B. de Souza. **A festa do centenário de Campina Grande ou a criação da identidade coletiva**. V Encontro Nordestino de História, UFPE, 2004.

FONTES

**ARQUIVO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS**

Jornal o Diário da Borborema (PB)- 1960-1964

**ARQUIVO PARTICULAR DO CORREIO DA PARAÍBA**

Jornal Correio da Paraíba (PB)- 1960-1964